

**COMISSÃO EVENTUAL DE INQUÉRITO PARLAMENTAR
ÀS PERDAS REGISTRADAS PELO NOVO BANCO E IMPUTADAS
AO FUNDO DE RESOLUÇÃO**

[Inquérito Parlamentar n.º 5/XIV/1.ª (BE)]

[Inquérito Parlamentar n.º 6/XIV/1.ª (IL)]

[Inquérito Parlamentar n.º 7/XIV/2.ª (PS)]

Reunião n.º 25

(Presencial e por videoconferência)

30 de abril de 2021

(9:37 h — 11:53 h)

Ordem do dia: Audição do Eng.º António João Barão, ex-gerente de sociedades imobiliárias

Presidente da Comissão: Fernando Negrão (PSD)

Deputados oradores: Duarte Alves (PCP)

André Silva (PAN)

João Cotrim de Figueiredo (IL)

Miguel Matos (PS)

Filipa Roseta (PSD)

Mariana Mortágua (BE)

Hugo Carneiro (PSD)

O Sr. **Presidente** (Fernando Negrão): — Bom dia, Sr.^{as} e Srs. Deputado, temos quórum, pelo que vamos dar início à nossa reunião.

Eram 9 horas e 37 minutos.

Começo por cumprimentar o Sr. Dr. António João Barão, ex-gerente, de sociedades imobiliárias, é assim que vem a sua identificação profissional.

Sr. João Barão, quero informá-lo de que é obrigado a dizer a verdade, não presta juramento, pois juramento só é prestado perante as autoridades judiciais, mas, obviamente, que esse dever de verdade é um dever de quem vem a uma comissão de inquérito e temos a certeza que será cumprido.

O Sr. João Barão quer fazer uma intervenção inicial, muito breve, pelo que, para o efeito, tem a palavra.

O Sr. Eng.º **António João Barão** (ex-gerente de sociedades imobiliárias): — Sr. Presidente e Srs. Deputados, na verdade, tenho umas sociedades para negócios próprios que, às vezes, não realizo e depois cedo-as ou vendo-as.

Em determinada altura, a sociedade de advogados Morais Leitão contactou-me, porque já noutras alturas lhes tinha vendido umas sociedades, e perguntaram-me se eu tinha cinco sociedades que lhes pudesse ceder para um cliente deles.

Combinámos o valor da venda, eles elaboraram o contrato, geralmente elaboram o contrato tudo certo – nem o vi — de cessão de quotas, desloquei-me aos seus escritórios na Rua Castilho para assinar os contratos e receber o valor acordado.

Só tive conhecimento desse cliente dessa sociedade de advogados na altura da assinatura do contrato de cessão de quotas. Nunca tive qualquer ligação ou afinidade com esse cliente, e desconhecia em absoluto, nem tinha

de conhecer, os negócios ou atividades futuras que essas sociedades iriam fazer. É só isto que tenho a dizer.

O Sr. **Presidente**: — Começamos agora a fase das perguntas e das respostas, pelo que peço a sua atenção.

Tem a palavra o Sr. Deputado Duarte Alves.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Sr. Presidente, Sr. Dr. António Barão, começo por cumprimentá-lo e primeira pergunta é se confirma que em 2017 o Sr. António Barão e a Sr.^a Ana Paula Lapa registam as sociedades imobiliárias Great Missouri, Blue Fields, Yellow Nuance, Juticalpa e Bestyellow.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exatamente.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — No dia 8 de outubro de 2018, menos de um ano depois venderam estas cinco sociedades a uma entidade sediada no Luxemburgo, que é filial da Anchorage, que, por sua vez, tem sede nas ilhas Caimão. Qual era o nome exato dessa sociedade a quem venderam as cinco sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho bem a noção, porque, como disse, eu nem sabia a quem é que ia vender, foi a sociedade de advogados Morais Leitão que me contactou. Normalmente eles têm as coisas todas certinhas, cheguei lá... Com certeza que era uma sociedade que podia adquirir as quotas e eu vendi. Só nesse documento é que soube, mais ou menos, e até já me tinha esquecido do nome, agora há pouco tempo é que me recordei que era a Anchorage, pelo menos é dada assistência a essa sociedade pela sociedade Morais Leitão.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — O nome dessa sociedade sediada no Luxemburgo, que é filial da Anchorage, é a AIO VI, SARL.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nem conheço essa sociedade.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Mas foi a essa entidade que vendeu as suas cinco sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei se foi a esta se foi à Anchorage. Eu como disse, quando cheguei lá eles apresentaram-me o contrato, dei uma olhadela, normalmente está tudo certo, assinei, recebi e vim-me embora.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Estranho muito a sua resposta sobre não conhecer, não se importar muito a quem é que vendia, do que é que se tratava, porque nós estamos a falar de um dos maiores negócios imobiliários que aconteceu em Portugal e que foi feito dois dias depois com as sociedades que foram fundadas por si e que foram vendidas dois dias antes da venda deste pacote Viriato.

Portanto, naturalmente que o senhor já estaria envolvido na própria negociação do projeto Viriato.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não... Se foi dois dias antes ou dois dias depois... Eu não sei se eles iriam usar a sociedade logo de imediato ou não.

O que eu sei é que não sabia para que sociedade era nem sabia o que é que eles iam fazer com essa sociedade, se iam comprar propriedades, se iam comprar automóveis, qual era o negócio deles.

O Sr. Duarte Alves (PCP): — Portanto, o senhor nunca negociou com o Novo Banco nenhum aspeto relativo ao projeto Viriato?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nada! Eu apenas cedi as sociedades, porque eles me perguntaram se eu tinha e eu ... Não tenho qualquer ligação, nem ao Novo Banco, nem à sociedade que comprou essas sociedades.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — A venda das sociedades foi no dia 8 de outubro, certo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Penso que sim.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Então, como é que se pode explicar que nós, na nossa documentação, tenhamos tido acesso a um *e-mail* redigido pelo Departamento de Compliance do Novo Banco que está a analisar as contrapartes e que diz: «Refira-se que até ao momento não resulta documentada informação que permita aferir a origem e circuito dos fundos, ordenadores, geografias e instituições financeiras envolvidas que venham a estar relacionadas com este negócio e que seria salutar que esses elementos possam ser aclarados pois, provavelmente, serão solicitados em momento posterior»

Ou seja, neste parecer de risco que acabei de citar, havia um conhecimento de que se estava a vender aqueles imóveis à sociedade Anchorage e a uma filial sua e este *e-mail* é do dia 4 de outubro de 2018.

Portanto, no dia 4 de outubro de 2018, o Novo Banco já sabia que as suas sociedades serviriam para, depois, serem vendidas à Anchorage, só o senhor é que não sabia.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu é que não sabia, nem nunca tive contactos com o Novo Banco, isso foram contactos que o Novo Banco teve com a sociedade de advogados que estava a montar esse negócio.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Portanto, a sociedade de advogados Morais Leitão estava a montar um negócio para o Novo Banco que era vender 13 000 imóveis...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O negócio não sei qual era, como disse, eles contactaram-me para comprar cinco sociedades. Eu vendi as cinco sociedades, não sei ao que é que elas se destinavam, qual seria o negócio, se era um negócio próximo, ou seria daí a muitos anos, ou se era do género imobiliário ou não.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Pois, o que é facto é que estes imóveis estavam avaliados nas contas do Novo Banco por 645 milhões de euros e acabaram a ser vendidos por 364 milhões, ou seja, registou-se, por esta via, uma perda de cerca de 270 milhões de euros, em parte suportada pelo Fundo de Resolução.

Este negócio foi feito para estas sociedades sediadas no Luxemburgo, por sua vez filiais de uma sociedade sediada nas ilhas Caimão, por forma a proteger nas ilhas Caimão a identidade dos beneficiários últimos e por forma a permitir, no Luxemburgo, o pagamento mínimo possível de impostos.

Aquilo que acontece neste tipo de negócios e, se tem experiência, se tem sociedades imobiliárias, talvez possa dar-nos alguma luz sobre este tipo de mecanismos.

Imaginando um imóvel, avaliado em 320 000 € nas contas do Novo Banco, que é vendido, no quadro deste pacote Viriato, por 100 000 €, como

estava no CCA (Mecanismo de Capital Contingente) a diferença entre o valor contabilístico e o valor pelo qual foi vendido, 220 000 €, é posta pelo Fundo de Resolução, sendo que esta compra é financiada com um empréstimo feito pelo próprio Novo Banco.

Agora, imaginando que este comprador deixa de pagar ao banco o que é que acontece? É acionada a garantia que é o próprio imóvel, ou seja, em última análise, volta o imóvel ao Novo Banco, mas já «limpo» com os tais 220 000 € que já foram colocados pelo Fundo de Resolução.

Portanto, pergunto-lhe: isto é assim, isto pode acontecer desta forma? Sabe se além das garantias, que são os próprios imóveis, foi pedida mais alguma garantia ao fundo Anchorage.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Como disse, sobre o negócio não sei nada, nem o que eles compraram... Só posso dar uma opinião pessoal. Acho que eles tinham de vender — e só agora é que eu soube através dos jornais — 5000 e tal imóveis. Se o banco estivesse a vender mesmo que fosse quatro imóveis por dia demorava não sei quantos anos. Certo? Certamente o banco tem de ceder isso a uma firma mais especializada nessa venda e, como vende por atacado, tem de vender muito mais barato. Isto porque até acontece que houve imóveis que, certamente, foram vendidos por um valor superior e outros que, se calhar, foram vendidos por um valor inferior, até porque normalmente os jornalistas e as pessoas vão ver os que foram vendidos por valor superior.

Ora, eu sei que, às vezes, há imóveis que nem se sabe onde eles se situam, por exemplo, terrenos que estão para venda, porque têm caderneta predial, mas onde é? Não sabem.

De maneira que é normal que eles tenham vendido por um valor inferior, não só pela complexidade da venda dessa quantidade de imóveis, como também porque não são imobiliárias, não têm essa experiência, pelo

que demoraria muitos anos a venda. Aliás, pela localização desses imóveis, uns são negócios fáceis, que dão grande lucro, outros não dão lucro nenhum e nunca são vendidos. Por acaso, estive a falar com um amigo e soube que, em relação ao Crédito Predial, houve um imóvel que só conseguiram vender 20 anos depois do encerramento do crédito.

Isto é uma opinião pessoal, porque não sei de nada mais. Sobre o negócio, em si, não sei o que fizeram.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Por acaso, deu o exemplo concreto de um imóvel que está na lista de imóveis a que temos acesso.

Portanto, o senhor nunca foi contactado pelo Novo Banco...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — ... e não sabia a quem estava a vender. Não sei se tem noção disso, mas, no fundo, acabou por ficar associado a um dos maiores negócios imobiliários que aconteceu no nosso País.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Antes estivesse diretamente associado, o que seria bom para mim, com certeza, mas não, foi só a venda das sociedades.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — E qual foi o resultado da atividade dessas sociedades, no final do ano em que foram fundadas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eram sociedades que eu tinha adquirido para fazer uns negócios e não tiveram movimento.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Portanto, o Novo Banco vendeu estes imóveis todos a sociedades que não tinham qualquer tipo de atividade imobiliária real?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim. Eles, certamente, compraram as sociedades, porque eram sociedades portuguesas que queriam adquirir os imóveis e ficaram seguras... Eram propriedade desse tal fundo ou dessa sociedade.

Ia falar-me do imóvel que foi vendido? Não?

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — O senhor disse que já tinha tido outro tipo de sociedades assim. É habitual fundar sociedades para, passado pouco tempo, vendê-las a fundos?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nem muito. Às vezes, tenho e estas eram para negócios que ia fazer, mas, como depois não precisei delas, acabei por vendê-las à Morais Leitão.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Mas já tinha feito isso de outras vezes?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Já o tinha feito numa outra vez.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — E, depois, vendeu sempre a grandes fundos internacionais?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nunca cinco sociedades. Era uma ou duas, uma coisa assim. Por acaso, naquela altura, tinha essas cinco disponíveis.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — E a venda das sociedades a esses fundos era, usualmente, feita pela sociedade de advogados Morais Leitão. Certo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Era, eles faziam o contrato. Como se pode fazer a cessação de quotas no notário, qualquer advogado pode fazer essa escritura, esse contrato particular.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Portanto, o senhor chegava à sociedade Morais Leitão, eles diziam «queremos falar consigo para vender as suas sociedades» e o senhor não sabia a quem estava a vender nem qual era o objetivo.

A Morais Leitão nunca lhe disse que era para vender imóveis do Novo Banco?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não. É mais ou menos como um indivíduo que tem um armeiro, ou seja, que vende armas, e chega lá outro indivíduo, com licença de uso e porte de arma, que compra uma arma. Se ele sair dali e matar alguém o armeiro não tem culpa nenhuma, não é?! Ele não sabe ao que se destina a arma. É mais ou menos assim.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Pois, esse é um bom exemplo, embora aqui a «arma» tenha sido vendida a alguém que não sabemos quem é. Não sabemos quem foi o beneficiário último nem conseguimos saber. Ninguém sabe...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, eu vendi as sociedades a uma sociedade. Normalmente, eles pedem-me os documentos da sociedade e eu envio-os por *e-mail*. Eles analisam se está bem e, depois, às vezes, mandam-me uma cópia do contrato que eu vou assinar, mas parece que desta

vez nem mandaram, porque, normalmente, é um contrato muito simples, não é? É vender as quota... Aliás, eu, normalmente, também confio na sociedade de advogados. Chego lá, dou uma olhadela no contrato, uma leitura ligeira e nem sequer fixo o nome de a quem estou a vender. Certamente, eles têm tudo em ordem. Assino e venho-me embora.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — E veio embora com quanto? Ou seja, o senhor terá de responder a esta pergunta: por quanto vendeu as cinco sociedades a este fundo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que cada sociedade foi... Agora não tenho a certeza, mas está no contrato. Se soubesse, poderia ter procurado, mas até tenho dificuldade, porque isto já é uma coisa antiga. Normalmente, arrumo os contratos lá para um lado e, às vezes, até tenho dificuldade em encontrá-los. Agora, até fiz uma mudança de casa e tive de arrumar as coisas... Foi 5000 € ou 6000 € cada sociedade.

O Sr. **Duarte Alves** (PCP): — Não tenho mais perguntas, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Sr. António Barão, não me vai levar a mal, mas vou dizer-lhe o seguinte: há um humorista português, o Herman José, que tem um *sketch*, com graça, em que a determinada altura diz: «eu é mais bolos». Invocando este episódio, queria pedir-lhe o favor de ser mais afirmativo nas suas respostas. Está bem?! É para não ficarmos ainda com mais dúvidas.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que não têm dúvidas nenhuma.

O Sr. **Presidente**: — Temos dúvidas, sim, temos muitas dúvidas.

Portanto, peço-lhe que seja mais afirmativo nas suas respostas para nós dissiparmos as dúvidas que possamos ter.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não posso ser mais afirmativo do que estou a ser.

O Sr. **Presidente**: — É só um apelo que lhe estou a fazer. Está bem?!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado André Silva.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Sr. Presidente, cumprimento todos os presentes.

O Sr. Eng.º António João Barão não está aqui por coisa pouca; está aqui porque teve um papel muito pouco claro na venda do projeto Viriato, o qual, relembre-se, pelo número de imóveis envolvidos, foi o maior negócio imobiliário em Portugal nos últimos anos e o segundo maior da Península Ibérica. O problema desse negócio não é o número de imóveis envolvidos, mas, antes, o preço de saldo a que foram vendidos.

Tivemos imóveis avaliados em 631 milhões de euros a serem vendidos por 364 milhões de euros, tendo este prejuízo sido essencial para as injeções de dinheiros públicos que tanto custaram aos contribuintes e que tanto impacto orçamental tiveram.

Pelos prejuízos envolvidos, este negócio já era revoltante, mas, graças aos dados revelados pelo jornalista Paulo Pena, num artigo que foi um

verdadeiro serviço público, percebemos que este negócio tem contornos de escândalo e o Sr. Eng.º António Barão está no centro do furacão.

Tentemos, então, esclarecer alguns destes aspetos. O senhor e a sua companheira, Ana Lapa, no dia 8 de novembro de 2017, registaram, de uma só vez, cinco sociedades imobiliárias com capital social de 5000 €, a saber: Great Missouri, Blue Fields, Yellow Nuance, Juticalpa e Bestyellow. A morada das cinco sociedades era a mesma, a loja 19 do Shopping Columbia, na Av. Júlio Dinis, n.º 14, em Lisboa, onde, de resto, já estavam sediadas outras sociedades.

O senhor e a sua companheira ficaram, cada um, com 50% das quotas das imobiliárias e o senhor ficou como gerente de todas elas, ou seja, mais do que um sócio-gerente, foi um supergerente. Quatro destas sociedades não fizeram qualquer negócio e uma delas fez uma estranha venda no valor de apenas 200 €.

Sr. Eng.º António João Barão, em primeiro lugar, gostaria de saber por que criou, com a sua companheira, e de uma só vez, estas cinco sociedades.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É mais ou menos tudo verdade. Só não é verdade que só houve uma sociedade que fez uma venda de 200 €. Canalizaram isso mal, porque talvez todas tenham feito essa venda...

Essas sociedades, tenho-as, às vezes, para uso próprio, porque vou a leilões de imóveis e podem ser necessárias. Não se podem estar a fazer rapidamente, no momento, não é!? A sociedade tem de estar já feita, porque isso demora um certo tempo. Era por isso, certamente, que o tal fundo tinha uma certa urgência e, então, perguntaram-me se tinha sociedades, porque eles sabiam que às vezes tinha. Eu dispensei-as porque não tinha necessidade delas, até porque, na verdade, acabei por não fazer aquelas compras imobiliárias.

A partir daí, não sei mais nada. Não sabia se eles iam comprar um imóvel, um terreno, um hote... Não tinha qualquer noção disso.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Como justifica ter criado cinco empresas e que elas não tenham faturado rigorosamente nada, que não tenha havido qualquer volume de negócios?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Pois, na verdade, estava à espera de as usar para comprar alguma coisa, tendo-as já preparadas.

O Sr. **André Silva** (PAN): — E uma não chegava?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Uma não chegava porque eram vários negócios que se poderiam fazer. Para não pôr os ovos todos no mesmo cesto, cada uma compraria...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Vários, muitos, eventuais negócios, nenhum dos quais acabou por se fazer.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É isso!

O Sr. **André Silva** (PAN): — Exato!

Quanto àquela venda de 200 €, de uma das sociedades, sabe dizer-nos do que foi?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que todas fizeram essa venda.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Foi só uma.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso é o que diz aí. É o que dizem, mas não sei quem analisou isso. Os jornalistas que foram investigar é que dizem que foi só uma!

O Sr. **André Silva** (PAN): — O senhor era o gestor, ou confirma ou não confirma. Se afirma que todas fizeram, pronto, eu é que estou errado.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Todas fizeram.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Todas fizeram um negócio de 200 €?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, é um pequeno negócio que se faz, às vezes, para a sociedade ter movimento. A sociedade estar parada não é...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Para não estar parada.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim. Geralmente,...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Para justificar que existe.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exato.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Neste processo da compra das cinco sociedades e da elaboração desses movimentos para que elas não estivessem paradas, alguma entidade o ajudou ou assessorou? Alguém o aconselhou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Foi tudo da sua lavra?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Muito bem.

A 3 de novembro de 2017, cinco dias antes de o senhor registar, em Lisboa, as cinco sociedades, foi criado um *hedge fund*, nas Ilhas Caimão, chamado Anchorage, com um capital social de 1250 milhões de euros e com 18 investidores anónimos.

Pouco mais de um mês depois, a 11 de dezembro de 2017, este *hedge fund* registou, no Luxemburgo, uma sociedade limitada, algo que reforçou o anonimato dos investidores e permitiu pagar ainda menos impostos do que nas Ilhas Caimão.

Menos de um ano depois, a 8 de outubro de 2018, o fundo das Caimão ordenou à filial do Luxemburgo que comprasse as suas cinco sociedades imobiliárias em Lisboa. Este negócio é, no mínimo, estranho, porque temos um fundo matriosca, com ligações a paraísos fiscais, a mostrar interesse e querer comprar cinco sociedades que não fizeram qualquer negócio. Algo que é, no mínimo, estranho.

Sr. Eng.º Barão, quais foram os termos em que ocorreu esta venda? Como lhe foi proposta a aquisição e com que fundamento?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Bem, não foi o fundo que propôs adquirir as minhas sociedades, porque o fundo nem sabia que eu existia nem que tinha sociedades. O fundo falou, certamente, com a sociedade de advogados Morais Leitão. Eles é que me perguntaram se eu tinha e eu cedi ao tal cliente que, na altura, não sabia quem era nem tinha de saber.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Muito bem.

Na sociedade Morais Leitão, com que falou para fazer esta venda?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu... Há um engenheiro...
Torraes?!

O Sr. **André Silva** (PAN): — O Eng. Torroaes?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, Torroaes...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Foi com quem falou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que sim. Houve também
uma advogada, que estava lá ...

O Sr. **André Silva** (PAN): — E não se lembra do nome da advogada?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não me lembro. Já saiu da
sociedade.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Ah! Sabe que já saiu da sociedade.

Quanto a estas sociedades, segundo a sua memória, vendeu cada uma
por, aproximadamente, 5000 €. É isso?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Por 5000 € ou 6000 €.

O Sr. **André Silva** (PAN): — E não achou estranho que a filial de um
fundo estrangeiro muito importante, que faz grandes e bons negócios,

quisesse comprar empresas que não eram viáveis e nem sequer tinham negócios?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu não sabia para quem era. Chamaram-me da Morais Leitão e eu não sabia a quem ia vender. Não é estranho, porque, às vezes, eles têm clientes que necessitam de uma sociedade urgentemente e têm de ir buscar uma que já esteja constituída.

O Sr. **André Silva** (PAN): — É fácil de perceber isso e aceito-o, nomeadamente quando temos um intermediário, como é o caso de uma sociedade de advogados, que trata de tudo. Mas quando estamos a olhar para a minuta em que nós, enquanto gestores, proprietários, donos das sociedades, como era o seu caso, vamos assinar, vemos que no cabeçalho está a outra parte.

Não achou estranho estar a vender cinco empresas que não tinham qualquer viabilidade a algo muito grande, muito importante e que realizava negócios muito volumosos? Não lhe ocorreu? Não estranhou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Pelo nome, às vezes uma pessoa não sabe se é importante ou não. Estava lá o nome de uma sociedade a quem eu ia vender...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Da sua parte, que pessoas participaram neste negócio? O senhor, o Eng. Torroaes e a tal advogada que já não está na Morais Leitão. Foi isso? Estas foram as duas únicas pessoas com quem contactou para realizar este negócio?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eram as pessoas... Agora não sei quem era o procurador, mas, da parte da sociedade, o contrato foi

assinado por um advogado da Morais Leitão que, para o poder fazer, seria procurador da tal sociedade.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Mas falou num engenheiro, não num advogado. Falou numa advogada, no feminino, e num engenheiro.

Agora falou num advogado. Quem era esse advogado?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Torrães?...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Torroaes.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim... Talvez eu consiga ver aqui no telemóvel.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Veja lá, por favor.

Pausa.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que é João Valente Torroaes. Quanto à advogada, não tenho a certeza do nome.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Diga-me uma coisa: em algum momento falou deste negócio a David Bartlett?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não conheço, não falei com ninguém.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Não conhece, não lhe foi apresentado.

Apenas dois dias depois de ter vendido as cinco sociedades, a 10 de outubro de 2018, o Novo Banco vendeu, às sociedades que criou, os imóveis do projeto Viriato. As sequências de datas entre todos estes acontecimentos levam a crer que, aparentemente, o senhor criou as cinco sociedades para o fundo Anchorage, apenas e só com o objetivo de assegurar a existência de um veículo para a aquisição do projeto Viriato.

Faço-lhe uma pergunta, à qual pretendo uma resposta afirmativa ou negativa: criou ou não estas sociedades com o objetivo de assegurar a existência deste veículo para a aquisição do projeto Viriato?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Na altura em que o fiz, um ano antes, segundo disseram, nem eles tinham falado comigo, nem eu sabia da existência desse fundo.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Estes factos não me parecem ser coincidência, uma vez que existe outro caso em que criou uma sociedade de que foi gerente, com ligações ao Luxemburgo, a Eusofia, que, em 2015, comprou à Câmara Municipal de Lisboa um prédio no Largo do Intendente, sendo que quatro meses depois esta empresa foi vendida e passou a ser gerida por Luís Horta e Costa, ex-administrador da Escom e figura conhecida do universo BES.

Tal como no caso do projeto Viriato a história repete-se: o senhor limita-se a criar e registar sociedades-fantasma e é apenas e só uma espécie de intermediário, portanto, não tem conhecimento. Há aqui uma espécie de coincidência: o senhor cria empresas que não fazem qualquer negócio, e depois, por coincidência, no fundo, elas são sempre vendidas a quem as utiliza — e vamos utilizar esta expressão — para fazer esquemas financeiros.

Utilizando o seu exemplo que deu há pouco, do armeiro que vende armas, quando vende uma arma não sabe como é que ela vai ser utilizada, no

seu caso é uma coincidência, porque, de facto, quando o senhor vende uma arma vende-a a alguém que a vai utilizar das piores formas.

Portanto, gostaria de lhe perguntar como é que surgiram as suas ligações a esta sociedade do Luxemburgo.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Dessa sociedade nem me recordo, até nem me recordo desse nome. Mas, certamente, foi do mesmo género das outras coisas que, como há pouco referi, fiz com a Morais Leitão. Foi alguma coisa desse género, cedi uma sociedade que eu tinha.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Portanto, não se lembra desta sociedade que criou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Agora lembro-me do nome, era Sofia... Não é? Eurosofia...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Eusofia.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, lembro-me.

O Sr. **André Silva** (PAN): — O nome diz-lhe qualquer coisa.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Mas também foi uma sociedade de que não precisei, ou alguma coisa deste género, como há bocadinho já referi...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Do género de criar uma empresa para eventuais negócios que acabaram por não se realizar, e depois apareceu um fundo qualquer que a comprou...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Se era o fundo, não sei, certamente foi a mesma sociedade Morais Leitão. Agora não tenho a certeza, mas certamente...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Esta Eusofia também foi vendida a um outro cliente que não os anteriores, mas sempre pelo mesmo intermediário, a sociedade Morais Leitão.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

O Sr. André Silva (PAN): — Ou seja, de cada vez que o senhor vendeu sociedades, empresas que criou e que não realizaram qualquer volume de negócio, o intermediário para a venda, que o senhor não conhecia, o comprador, foi sempre a sociedade de advogados Morais Leitão?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, nesse caso foi uma outra pessoa. Às vezes é um advogado amigo, ou coisa assim, que precisa de uma sociedade e fala comigo. Mas às vezes tenho, outras vezes não tenho. Nesse caso nem tenho a certeza, mas devia ser, porque é a sociedade Morais Leitão que ... Não digo que temos relações com eles, mas eles conhecem-nos, não é?

O Sr. **André Silva** (PAN): — Não tem relações com eles, mas conhecem-no?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Conhecem-me, sim, esse doutor é um doutor que conheço há muito tempo e, às vezes, pergunta-me se tenho

alguma coisa. Ele até me falou que daqui o tinham contactado para a sociedade Anchorage...

O Sr. **André Silva** (PAN): — Desculpe, não percebi esta última parte...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Disse-me que tinham contactado a firma Morais Leitão para a sociedade Anchorage lhe dar o meu contacto, ou coisa assim. E ele até me telefonou: «Olha, o que é que digo?» «Eu já estive na Assembleia e já deixei lá o meu contacto, acho que já não é necessário». Foi só na semana passada que ele me falou.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Mesmo para terminar, gostaria de lhe perguntar se conhece alguma das seguintes pessoas, se as conhece pessoalmente, ou se alguma vez teve com elas algum tipo de contacto e que contacto foi esse: Nuno Espírito Santo — conhece-o?

Pausa.

Nunca falou com ele nem teve nenhum contacto com ele?

Pausa.

Dina Raimundo?

O Sr. **Presidente**: — Sr. Engenheiro, se não conhece diga «não» ao microfone.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Não conhece Nuno Espírito Santo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não conheço.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Portanto, não conhece Nuno Espírito Santo, nunca falou com ele.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não conheço.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Dina Raimundo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Também não.

O Sr. **André Silva** (PAN): — João Torroaes Valente já confirmou, era o intermediário nos negócios entre o comprador das suas empresas e as suas empresas.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim. Era a pessoa que estava lá e, portanto, falava comigo.

O Sr. **André Silva** (PAN): — E durante a sua vida profissional teve alguma vez alguma ligação ao BES ou a alguma entidade ligada ao BES? Alguma vez estabeleceu algum contacto, alguma relação de âmbito profissional com o BES ou alguma entidade do universo BES?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Absolutamente nada. Só tive uma conta bancária aberta no BES, que ainda tenho. Mais nada.

O Sr. **André Silva** (PAN): — Muito obrigado, Sr. Eng.º António João Barão.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado João Cotrim de Figueiredo, faça favor.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Muito obrigado, Sr. Presidente, muito bom dia, Sr.^{as} e Srs. Deputados.

Sr. António João Barão, tenho a indicação de que é engenheiro...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sou engenheiro, sou. Engenheiro civil.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — A história que nos trouxe aqui até agora é pouco crível e vou tentar resumir o que percebi até agora.

O Sr. Engenheiro cria frequentemente sociedades com um objeto social imobiliário — pode confirmar-me se é com um objeto social imobiliário as sociedades que cria?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exatamente.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Cria-as na expectativa de fazer negócio, que depois acaba por não se materializar.

Nos dois casos que se conhecem e que foram aqui abordados — nestas sociedades criadas em novembro de 2017 e na Eusofia —, por coincidência foi sempre por intermédio do advogado João Torroaes Valente que acabou por vender a terceiros.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Destas últimas cinco tenho a certeza, da outra não me lembro.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — De qualquer maneira, foi alguém ligado à sociedade de advogados Morais Leitão, Galvão Teles e Soares da Silva, talvez uma das três maiores de Lisboa, e que tem permanentemente em carteira sociedades preparadas para fazer negócios e não precisaria, certamente, de as ir comprar fora.

Portanto, o senhor constituiu estas três sociedades de que estamos a falar, em 2017. Com que capital social?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Com 5000 €.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Constituiu cinco sociedades com o capital social de 5000 € e vendeu-as depois, passados 11 meses,...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Para eu não estar a fazer a sua dissolução — se não as usasse teria de as dissolver, e isso iria trazer-me um certo trabalho e prejuízo —, vendo por 5000 €, 6000 €.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — São 5000 ou são 6000 €?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, ou são 5000 € ou são 5500 €, 6000 €. Entre 5000 € e 6000 €.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Se puder confirmar e depois informar esta Comissão seria importante.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Se puder ganhar alguma coisinha, muito bem, se não puder até vendo pelo mesmo valor.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Pois, isto já foi há quatro anos, agora já não consegue ganhar nem perder nada porque já o fez. Nós queremos é saber por que valor foi feita a venda, porque a sua resposta indicava que a Moraes Leitão até lhe fez um favor, senão teria de gastar dinheiro na dissolução das sociedades. Portanto, gostaria de saber quanto dinheiro ganhou...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu posso ver, está lá no contrato.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Muito bem.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Os contratos têm lá o valor...

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Pois, na medida em que sabia que vinha a esta Comissão, não teria sido má ideia ter visto antes para nos poder responder, mas se nos fizer chegar as suas respostas já ficaremos satisfeitos.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Também não era um dado muito relevante...

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Além destas cinco sociedades e da Eusofia, quantas outras sociedades o Sr. Engenheiro vendeu através da Moraes Leitão e Galvão Teles?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, talvez mais uma ou duas.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Mais uma ou duas?

O Sr. Eng.º António João Barão: — Mas não tenho a certeza, não tenho isso registado.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Portanto, quando fizermos a inquirição a pessoas ligadas à Moraes Leitão, o que certamente acontecerá, não vamos encontrar mais sociedades...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Talvez, mais uma ou duas, não sei.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Em que altura? Antes ou depois destas cinco de que estamos aqui a falar?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Antes, acho que foi antes.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Antes destas cinco de que estamos a falar.

Muito bem, estas questões já estão cobertas e queria continuar.

Uma das coisas que o Sr. Deputado André Silva tentou fazer foi perceber as suas ligações às pessoas que gravitam à volta da Moraes Leitão e destes negócios.

Na Moraes Leitão só falou com este senhor — é doutor ou engenheiro?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É advogado.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — É advogado, também. Portanto, falou com este advogado Torroaes Valente, com uma advogada, de cujo nome não se recorda, e com um outro advogado, que era procurador,

neste caso, do fundo Anchorage no Luxemburgo, de que também não se recorda...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que a advogada foi quem assinou os contratos.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — A advogada assinou como procuradora?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Ela já assinou da Morais Leitão, acho eu, mas agora não me recordo do nome.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Seria, por acaso, Luísa Soares da Silva?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não estou a ver que seja essa.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Não se lembra ou não é essa?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O nome não me soa.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Teve alguma relação ou mantém alguma relação com Luís Horta e Costa?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Hélder Bataglia?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Pedro Neto?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Também não.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Eduardo Stock da Cunha?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — António Ramalho?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Muito obrigado.

Não tenho mais perguntas a fazer, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Miguel Matos, faça favor.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sr. Presidente, Sr.as e Srs. Deputados, quero cumprimentar também o Sr. Eng.º António João Barão.

Além de engenheiro, o senhor é pintor?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Faço umas coisinhas, pinto uns quadritos, mas sou pintor amador. E também sou mágico.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ah é?!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sou, sou.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, não sei se é uma obra de ilusionismo ou se é um belo retrato o que nos tem aqui pintado, mas, com certeza, haveremos de...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Mas sou amador.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pode falar-nos, por favor, da Eurobáltico?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei... Acho que foi uma sociedade minha, mas não sei, temporalmente, quando a vendi, ou...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ou qualquer coisa desse género, não é? Das suas várias sociedades que tem e que vende...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, talvez lhe consiga recordar. Pode dizer-nos quem é Bárbara Cristina Luís Fernandes?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não me recordo desse nome.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — A Sr.ª Bárbara Cristina Luís Fernandes era sua colega administradora na empresa Eurobáltico que, em 2008, foi alvo de um processo de insolvência por causa do Grupnor. Recorda-se disso, pode falar-nos desse caso?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não, não tenho conhecimento nenhum disso. Se tive a firma, quando acedi renunciei à gerência, deixei de ser administrador, não tenho nada que ver com essa pessoa.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, foi coadministrador de uma sociedade, mas não sabe quem é nem sabe qual é a sociedade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu era gerente da sociedade. A sociedade tem de ter sempre um gerente, normalmente, e fui eu. Depois, quando fiz a venda, terei sido substituído, houve uma renúncia à gerência e na própria escritura é nomeado outro gerente. Mas desse nome não me recordo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas no processo que consta em *Diário da República* diz que o senhor era administrador juntamente com essa senhora. Isto não lhe diz nada?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso é impossível. Normalmente, eu renuncio à gerência. Aconteceu, uma vez, um caso, mas é com essa Eurobáltico, que quando fazem o registo da sociedade, poderiam registar a sociedade, os novos sócios, o novo gerente e a renúncia à gerência, que, às vezes, até é feita num documento, numa carta, em que se renuncia à gerência, naquela data.

Acontece, tenho conhecimento de que alguma vez isso tenha acontecido — não sei se foi nesse caso —, que as pessoas não fazem o registo propositadamente. Não fazem o registo da minha renúncia. Houve uma altura em que eu próprio tive de ir à conservatória pagar e fazer o registo.

Às vezes, há isso... É possível que seja isso.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sabe dizer-nos quantas vezes isso aconteceu?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não... Uma vez. Se calhar foi essa aí. Houve uma coisa qualquer, mas já foi há muitos anos. Não sei. Se o Sr. Doutor me disser qual é a data...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Foi em 2008.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Pois, já foi...

Houve um problema, tive de ir à conservatória, porque estava lá como gerente, e apresentei os documentos. Até foi muito difícil, porque, normalmente, é o novo gerente que tem de assinar esses papéis e esse pedido. Mas consegui retirar o meu nome.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, não se recorda de ser intimado, ou algo do género, em relação a este processo de insolvência?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não, nada.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Nem em nenhum negócio da Grupnor consigo, ou com alguma sociedade sua?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Uma vez fui ao Norte, mas não sei qual era a sociedade. Foi por causa do tribunal... Eu, realmente, estava lá ainda como gerente, ou como... E apresentei lá ao juiz que não, que tinha renunciado à gerência. Até apresentei a escritura.

Não sei. Agora, não me recordo se foi esse caso.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — O Tribunal do Comércio de Vila Nova de Gaia, é possível.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Talvez.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E alguma vez alguma sociedade sua ou o senhor foram declarados insolventes?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Poucos anos depois, temos aqui registo de uma sociedade chamada Westminster Capital Finance Limited. Reconhece?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa sociedade, sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pode falar-nos dela?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa foi uma sociedade... Isso foi dissolvida, porque... Foi uma sociedade que foi dissolvida.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sim, mas qual foi a sua atividade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Pediram-me para ser diretor dessa sociedade. Era uma sociedade na Nova Zelândia. Foi lá registada para se dedicar a atividades financeiras. Mas as pessoas em causa não tinham capital suficiente para ter uma organização lá, na Nova Zelândia, porque era

preciso ter um escritório com um certo volume, com um certo número de pessoas, e as autoridades reguladoras encerraram-na, fizeram a resolução.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — A atividade financeira era na Nova Zelândia?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É, tinha sede na Nova Zelândia. Depois, seria para fazer uma atividade financeira.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Qual é a sua ligação à Nova Zelândia?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nunca lá fui.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas alguém lhe pediu para fazer isso. Aliás, disse-nos que alguém lhe pediu para ser o diretor dessa sociedade. Quem foi?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, acho que eram umas pessoas... Mas eles formaram esse banco, essa coisa na Nova Zelândia — que nem era banco, era uma... —, porque era mais fácil fazer as sociedades lá, fazer essa sociedade na Nova Zelândia.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Era mais fácil fazer sociedades na Nova Zelândia. Sociedades de atividades financeiras. Mas ainda não percebemos se as atividades financeiras eram na Nova Zelândia ou cá.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não sei onde é que eles queriam... Eu, em princípio, fui... Eles pediram-me para ser diretor da

sociedade, mas sei que, depois, até renunciei também a esse lugar, porque achei que não era conveniente. Nem recebi nada.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Quando tempo esteve...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Pouco, uns meses, porque eles não tinham capital suficiente para terem lá...

Há uma entidades reguladora, como aqui há a CMVM (Comissão do Mercado de Valores Mobiliários). A sociedade exigia um escritório com uma certa categoria e eles não tiveram possibilidade disso.

Eu, logo de imediato, renunciei também ao cargo e mandei para lá, para a Nova Zelândia, a dizer que tinha renunciado.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Reforço a pergunta: quem é que lhe pediu, e em que contexto, para ser diretor desta sociedade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Foi um indivíduo que...

Pediram-me, mas, quer dizer, foi uma sociedade que me pediu. Até falavam comigo no Hotel Ritz. Eles vieram de Inglaterra... Mas, depois, nunca mais os contactei. Desapareceram. Até achei que isso seria alguma...

Simplesmente, ia ficar como diretor com a ideia de ganhar algum dinheiro, não é?! E de orientar, mas, depois, vi que as coisas não eram assim muito claras e renunciei imediatamente.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Portanto, com essa sociedade-mistério, cujo nome não nos quer dizer,...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nunca fiz nada.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — ... não fez mais nenhum negócio?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nunca fez nada. Essa Westminster nunca fez nada.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Teve outros encontros no Hotel Ritz para formar sociedades a pedido, ou para ser dirigente de sociedades a pedido?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não. Só fui ao Hotel Ritz porque eles telefonaram e era ali que eles se tinham instalado.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E em algum outro hotel?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ou estabelecimento de outro género?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — As sociedades que constituiu — haveremos de ver mais, nestes minutos de intervenção que ainda tenho —, costuma ser a pedido que as constitui ou que se torna dirigente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não. Normalmente, como disse... Geralmente, é esta sociedade, ou, às vezes, é alguma pessoa que fala com uma sociedade, ou que me indicam, ou qualquer coisa assim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não percebi bem.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Às vezes, indicam alguém a quem eu, talvez, possa resolver esse assunto, de ceder uma sociedade.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Portanto, alguém lhe indica: «Olhe, dava jeito que constituísse uma sociedade...»

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não!

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não?!

Então, o senhor já tem as sociedades e alguém lhe diz: «Olhe, dá jeito que venda.»

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O Sr. Doutor, há pouco, disse que era estranho a sociedade Morais Leitão, que pode ter sociedades em carteira, ir comprar a mim. Mas é que eles não têm sociedades em carteira.

O Sr. **João Cotrim de Figueiredo** (IL): — Têm e não são poucas!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Por isso é que eles têm de ir buscar a outro lado. Se eles as tivessem em carteira, não precisavam de as comprar.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — O senhor já vendeu muitas sociedades através da Morais Leitão?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Algumas.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Quantas são «algumas»?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho a certeza.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não acha que se devia ter preparado um bocadinho melhor para esta audição, para ter a certeza?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei. Acho que estava em causa esta questão das sociedades vendidas ao Novo Banco ou à firma.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ainda voltando à Westminster, quem é Rui Ferreira Barreto de Barros?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que foi secretário. Ele também renunciou.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Fez outros negócios com este senhor?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Por acaso, essa empresa que esteve consigo no Ritz chama-se Santosha Surf? Não sabe?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não lhe sei... Na verdade, não sei quem... Era a...

Pronto, como disse, depois vi que as coisas não eram coisas que andassem muito bem e renunciei logo ao cargo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Desde então, tem tido estas várias sociedades. Diria que o senhor até é um perito em constituir sociedades. Se

calhar, pode falar-nos de algumas. Vou dizendo os nomes, paramos e podemos ir falando delas, talvez.

A primeira é a Três Mil e Sessenta — Sociedade Imobiliária, Lda.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É possível que seja, não sei...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não sabe o quê?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É possível que seja, que tenha sido uma sociedade minha.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Euro Bridge.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Euro Bridge? A Euro Bridge era uma sociedade minha. Essa até era mesmo uma sociedade que usei até para comprar um prédio à Estamo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Qual prédio?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Um prédio ali na Avenida Júlio Dinis.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — É o prédio onde tem, neste momento, a sua residência fiscal?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — É outro prédio.

E essa sociedade ainda é sua?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa sociedade... Depois, vendi o prédio, como a sociedade não tinha já objeto social... Quer dizer, tinha acabado o fim para que foi destinada e, depois, dissolvi-a, já há uns anos.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Portanto, já não tem a Euro Bridge.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E a Imofiladelfia?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A Imofiladelfia...

É possível que haja várias sociedades... Durante anos, que são 30 ou 40 anos, constituí algumas sociedades e também as vendi.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sociedades imobiliárias?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tudo legal.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Com certeza!

Eram sociedades imobiliárias?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sabe dizer-nos quantas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Neste momento, tem alguma sociedade imobiliária na sua posse?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tenho.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pode informar-nos quais?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Neste momento, não tenho aqui presente... É umas duas ou três.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não tem presente quais são as sociedades das quais é sócio-gerente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Vou repetir a pergunta: não tem conhecimento, neste momento, de quais são as sociedades das quais é sócio-gerente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tenho, tenho algumas sociedades onde sou sócio-gerente.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, pode partilhar connosco aquelas de que sabe que é sócio?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não tenho noção delas, porque as sociedades... Estes nomes, às vezes, são um pouco complicados. Perguntaram, se eu era de uma associação cultural, porque é que arranjava nomes assim estrangeiros.

Então, os nomes é porque o Registo Nacional de Pessoas Coletivas... Antigamente, punha-se o nome de uma cidade; agora, deixou de se poder pôr nomes de cidade. Não se pode pôr «Londres...Por exemplo, o nome «London Bridge», agora, já não autorizavam. Eu tive uma sociedade, por exemplo, que era a Portimar, que era Construções de Portimão, mas, agora, não se pode pôr nem de Portimão, nem de Aveiro, nem...

De maneira que o Registo Nacional de Pessoas Coletivas tem lá esses nomes disponíveis e a gente, quando vai fazer a sociedade, escolhe um nome. Já se sabe que é muito complicado arranjar um nome para aprovarem, em relação ao qual não haja outro correspondente, ou igual, ou parecido, ou que possa fazer confusão.

De maneira que a razão por que, às vezes, não me lembro, é porque não fui eu que inventei os nomes. Não me lembro dos nomes.

Todas essas sociedades que foram aí frisadas, as cinco sociedades que foram usadas para comprar as coisas no Novo Banco, têm esses nomes que, às vezes, nem me lembro deles.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E a sociedade Bol-Restaurantes, Ld.^a?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa é uma sociedade que tenho há muitos anos, que tem aqui um prédio na rua de São Bento, onde há um restaurante chamado Parlatório. Já não pagam a renda há dois anos... É, essa é minha.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Portanto, o restaurante não é seu, mas o prédio é seu.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A Bol-Restaurantes tem um prédio e eu sou sócio-gerente.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas o restaurante Parlatório é inquilino da Bol-Restaurantes?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exatamente.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Portanto, o senhor não tem nenhuma ligação ao estabelecimento comercial Parlatório.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho atualmente. Já tive. Comprei... O Parlatório é um restaurante aqui ao pé da Assembleia da República, muito frequentado por Deputados, já há uns anos. Até formei uma associação, porque o restaurante servia de exposição de pinturas de vários artistas, e, depois, formei uma tertúlia, que era a Tertúlia Parlatório, onde os artistas se encontravam uma vez por mês. Era o escultor Martins Correia, Manuela Pinheiro, Eduardo Alarcão, Dorita Castel-Branco e muitos outros.

Depois, deixei de explorar o restaurante e dei-o de exploração. É quase um arrendamento, mas é uma figura jurídica diferente.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sabe dizer-nos se a sua companheira, Ana Paula Lapa, tem outras sociedades que também crescem como cogumelos e depois são vendidas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Normalmente, as que eu faço com ela, porque a sociedade tem de ter um sócio, não é?! Por isso é que é uma sociedade, naturalmente... Ela fica com uma parte e eu fico com a outra e fico gerente.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, esta é uma atividade comum que fazem? Constituir sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Às vezes, é para uso próprio, mas, outras vezes, é porque elas não são necessárias e a gente cede.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, às vezes, são constituídas para uso próprio...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — ... e, às vezes, são constituídas, sabendo que não vão ter uso próprio, que vão ser vendidas para outrem.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Quer dizer, sempre as tenho para uso próprio, mas tenho a certeza, quase, às vezes, a certeza, às vezes não tenho, porque, às vezes, já tenho dissolvido sociedades que não são vendidas, não vale a pena estarem em carteira, pelo que quando há possibilidades vendo-as.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E das sociedades que tem atualmente alguma serve para este fim de uso próprio, imobiliário, e depois para venda?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, atualmente estão na minha posse, se não as usar posso vendê-las.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Algumas das que tem, neste momento, são sociedades imobiliárias?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Geralmente são sociedades imobiliárias.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E os negócios que costuma fazer são compras à Estamo através de leilões, é isso?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É conforme. Por acaso agora fiz uma proposta acho que é um fundo estrangeiro, mas não sei qual é o fundo...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — É a Anchorage?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, é uma imobiliária, a ERA, é um terreno e, por acaso, agora, tenho de ir constituir uma sociedade para esse fim. Até já tenho marcado no Registo Nacional de Pessoas Coletivas, acho que é dia 23, que é para comprar esse terreno em nome da sociedade.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — No caso destas cinco sociedades, de que foi alvo a venda depois para a Anchorage, a Great Missouri, Blue Fields, Yellow Nuance, Juticalpa e Bestyellow foram nomes que lhe foram dados pelo registo? Não foram nomes escolhidos por si?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não foram, pode ser que um ou outro tenha sido, mas normalmente... Eu já quis determinados nomes e eles não aprovam.

Por exemplo, uma sociedade que fiz há muitos anos, a CETACAL (Centro de Estudos Técnicos), eles não aprovaram e depois vieram sugerir que eu usasse o nome CETEC. Eu usei o nome CETEC, fiz cartões, papel timbrado e, passados uns tempos, veio a CETEC, que era uma firma que já existia, com um processo contra mim. Tive de mudar o nome, o registo pediu muita desculpa, mas, às vezes, acontecem estas coisas.

Os nomes são muito difíceis... Eles não aprovam ou porque é parecido com outro, era sempre uma complicação muito grande, razão por que houve uma altura em que em vez de nomes eram números como, há pouco, disse aí Três Mil e Sessenta, ou Três Mil e Setenta...

Uma vez eu quis pôr um número, fui lá chamado e disseram-me: «O senhor não pode pôr um número». «Então, mas se eu vou, por exemplo, à Rua de São Bento 340 não se confunde com o 341 ou 342». Agora, o Sr. Deputado veja lá a resposta que a conservadora me deu: «O senhor põe assim... Porque pode ir uma sociedade à falência com um número e depois isto confunde-se com outro. O senhor ponha Barão 1, Barão 2, Barão 3...». E eu disse: «Então, mas isso ainda é pior Sr.^a Doutora».

Queriam que eu pusesse o meu nome com um número, de maneira que aquilo é muito complicado. Por isso eles agora arranjam uma lista, nós chegamos lá e temos o nome já aprovado, porque senão é muito complicado, tem de se pedir um certificado... Antes davam-se três nomes e um deles era aprovado, depois não davam hipótese de mudar, tinha de pedir-se outro certificado e depois perdia-se o dinheiro, porque não havia aprovação. Agora, fazem esses nomes, não sei como é que eles fazem esses nomes, e esses foram tirados dessa lista, à parte um ou outro.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E no caso destes cinco? Um ou outro não estava na lista?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Na altura que formei as sociedades... Agora, não me recordo. Normalmente, eles dão esses nomes e a gente diz: «Ai, ficava melhor assim ou ao contrário, porque esse nome é um bocado feio...» Então, eles vão ver rapidamente, há uma doutora que está ali no gabinete e vai e diz: «Sim senhor, está aprovado.» Portanto, às vezes, fica ligeiramente diferente, porque há nomes que são uma coisa...

Um amigo meu foi fazer uma sociedade, só tinham aquele nome disponível e ficou: «Perdoa da mãe, Ld.^a», uma coisa que não tem sentido nenhum, era o nome que eles tinham aprovado.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Há bocadinho disse-nos que cria uma, duas sociedades, mas nesse dia constituiu cinco. Porquê?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque era a hipótese de se vender várias compras...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas quais?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Compras de coisas que aparecem em leilões e assim. Eu às vezes ia a leilões de imobiliárias e então era pôr cada coisa em seu nome.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas porquê?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque é melhor pôr em nome da sociedade, porque a sociedade depois pode começar a trabalhar. Por exemplo, compra um terreno, depois vai construir um prédio, é melhor estar em nome de uma sociedade.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pois, mas não se compreende, até porque há custos de se ter uma sociedade, é por isso que as pessoas têm sociedades que vão crescendo, porque senão partiam tudo em mil sociedades pequeninas.

Porquê essa sua estratégia de não pôr os ovos todos no mesmo cesto, como diz?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Pois, é normal. Pronto, porque depois tenho mais ou menos, não é bem uma garantia, mas porque sei que há procura dessas sociedades e que se não fizer esses negócios não as vendo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ai, então tem a garantia que se não fizer negócio depois vende a sociedade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Garantia não tenho...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas acabou de dizer que tinha uma garantia.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Mas, pelo que eu tenho visto, às vezes, há sempre uma sociedade ou outra ou de advogados que as pode comprar.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — De facto, foi assim com estas cinco. Com a Eusofia foi assim também? Foi do Eng.º Torroaes?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, não me lembro...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas foi uma sociedade de advogados?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, já não estou recordado.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Porventura está recordado que vendeu à empresa Lisbinvest SA?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não me lembro.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Nem tem qualquer tipo de relação com o Arq.º Miguel Câncio Martins?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Absolutamente nada.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Segundo o jornal *O Corvo*, foi quem criou a Lisbinvest SA, que comprou através da sua antiga sociedade, a Eusofia, um prédio por 4,5 milhões de euros à Estamo. Pelos vistos, aprendeu consigo a comprar imóveis à Estamo.

O Sr. Eng.º António João Barão: — Eu comprei aquele imóvel à Estamo, porque o imóvel era mesmo em frente ao escritório onde as sociedades têm a sede. Estava lá um grande cartaz, eu interessei-me...

O Sr. Miguel Matos (PS): — O do Largo do Intendente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não, o da Av.ª Júlio Dinis.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Este aqui do Eusofia é o do Largo do Intendente, também comprado à Estamo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, a Estamo vende muita coisa, até sempre que há coisas para venda contactam-me, mandam-me um *e-mail* e informam-me das vendas que têm para fazer.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não foi o senhor quem comprou isto à Estamo, nem tem qualquer participação neste negócio da Estamo do prédio do Largo do Intendente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não, vendia sociedades...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Nem tinha uma relação com o Arq.º Miguel Câncio Martins, arquiteto da herdade da Comporta, ligado à...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu não conheço.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Referiu-nos a questão de as empresas e sociedades fazerem um negócio de 200 € para manter a atividade aberta. Que negócio é esse?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É uma compra.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — De quê?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — De uma pequena fração, uma arrecadação, uma coisa pequena.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, o senhor tem muitas arrecadações por aí?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Às vezes tenho. É fácil uma arrecadação, uma garagem, um pequeno terreno. Se é para manter o movimento não há necessidade de se ir comprar um grande imóvel, até porque isso aí é caro, temos escritura, registo e IMT para pagar.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E não nos sabe dizer quantas arrecadações tem?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tenho aí umas arrecadações...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Umas? Mas quantas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tenho em Tomar, uma vez comprei à Caixa Geral de Depósitos umas sete ou oito.

O Sr. Miguel Matos (PS): — Tudo para diferentes sociedades.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, comprei para uma sociedade, comprei aquilo...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ai, agora já pôs os ovos todos no mesmo cesto?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu comprei as seis arrecadações, mas não fui comprar para cada uma das sociedades. Comprei.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Comprou. E depois vende essas arrecadações a sociedades suas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Comprei para negócios, também para vender a outras pessoas e ganhar algum. Perguntou-me quantas arrecadações é que eu tinha, tenho essas.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Tem para aí umas sete, comprou à Caixa Geral de Depósitos e depois vai vendendo às suas sociedades veículo.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tenho essas arrecadações para as vender, mas por acaso surgiu uma sociedade e eu fiz a venda para as sociedades.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas, então, essas sociedades compraram essa sociedade que tinha as sete arrecadações?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, eu próprio comprei as arrecadações, que era para depois as vender, estas coisas que às vezes se fazem por atacado. Comprei, também, algumas lojas à Caixa Geral de Depósitos e depois tinha ali a arrecadação, vendi à sociedade para fazer o movimento.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas então estas sociedades, a Great Missouri, Blue Fields, Yellow Nuance, Juticalpa, a Bestyellow compraram arrecadações a uma outra sociedade detida por si?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, pode ser, à sociedade ou a mim próprio.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ou a si próprio. Ok.

É portanto assim um negócio circular para fingir que tem atividade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não é para fingir que tenho atividade...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — É mesmo atividade, é uma empresa sua a comprar a si? É uma atividade, certamente importante.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Como para outra pessoas, isso é conforme, não é sempre a mesma, nem é sempre uma arrecadação, é o que calhar. Já tenho comprado terrenos pequeninos e coisas assim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Olhe e fez a mesma coisa com a sociedade Eusofia?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, não me recordo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E esta relação com o Dr. Luís Horta e Costa?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho relação nenhuma, nem conheço.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Nem tem mais nenhuma relação com alguém do Grupo Espírito Santo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho relação nenhuma, nenhuma, nenhuma! A minha atividade é muito fechada, pelo que não tenho relações nem com grandes devedores do Novo Banco, nem com esses fundos. Normalmente, a minha relação é direta com advogados ou com firmas de advogados.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas, então, fale-nos desses advogados. É sempre a Moraes Leitão?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, já tenho vendido a outras sociedades.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Que outras sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A Abreu, por exemplo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — A Abreu Advogados? E quem é o seu contacto na Abreu Advogados?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É a pessoa que depois me contacta, não é uma pessoa certa. Eles lá dentro são vários advogados, um diz ao outro, «olha, precisas disto...».

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Com certeza, mas poderá dizer-nos um, como disse aqui também o nome do Dr.º Torroaes.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Há muito tempo que a Moraes Leitão não me contacta, não me recordo agora.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E a Abreu? Há muito tempo que a Abreu não o contacta?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Há muito tempo que não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Há muito tempo que não vende sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Há quanto tempo não vende sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Há uns cinco anos, parece-me que foi a última que vendi.

O Sr. Miguel Matos (PS): — Há cinco anos não pode ser, porque estas vendidas à Anchorage foi há menos tempo do que isso.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Para a Abreu há uns cinco anos que não vendo.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E à Morais Leitão? As últimas foram estas cinco que vendeu à Anchorage?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Acho que sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E por que é que foram as últimas? Vendeu tantas.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A memória às vezes falha-me, não sei se terei vendido alguma outra depois, mas não me lembro. As cinco sociedades, assim uma coisa grande, foi nessa altura, é possível que tenha vendido uma outra, mas não tenho a certeza se foi antes, se foi depois.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sim, mas ao longo de muitos anos teve esta atividade de ter empresas para depois vender através de sociedades de

advogados, agora nos últimos dois ou três anos, depois de fazer este grande negócio com a Anchorage, deixou-se disso?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, durante vários anos tenho vendido. Aliás, é uma atividade que é legal, até fui sujeito a uma inspeção das Finanças por isso, por isso não; porque foram inspecionar e viram as sociedades todas que vendi e o que estava declarado das vendas, porque, às vezes, vende-se com um valor superior, mas está tudo legal.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sr. Engenheiro, ninguém está a duvidar da legalidade dos seus negócios, estamos só a procurar compreender a sua extensão e as suas ligações para procurarmos tirar a limpo as verdades que precisamos e para percebermos como aqui houve perdas imputadas ao Novo Banco.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho culpa disso. Eu vendo as sociedades, as pessoas vão lá compram a sociedade, às vezes é feito em notário, outra vez é através das sociedades de advogados... Uma vez eu tinha sociedades de que não precisava e pus um anúncio no jornal que tinha uma sociedade para vender...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pôs um anúncio no jornal?!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não foi o caso destas.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Noutros casos?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Noutros casos.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Antes ou depois?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Antes.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Vender uma empresa não é uma coisa «tu cá, tu lá», é um processo formal, como disse, tem de ir ao notário.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Se a empresa tivesse um bem imobiliário importante era um negócio já mais complexo e que requeria outra atenção.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pois, por isso mesmo acho um pouco estranho que diga que não se lembra se vendeu ou não vendeu sociedades desde que vendeu estas cinco à Anchorage. Não se lembra?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Vendi mais sociedades, mas não sei se vendi à Morais Leitão.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Se não vendeu à Morais Leitão, ou através da Morais Leitão, a quem vendeu?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Vendi a advogados ou a particulares que me contactaram.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E esses particulares têm alguma relação com o Grupo Espírito Santo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ou com o Novo Banco?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não têm nada que ver. Em relação a essas cinco sociedades, nem sabia a quem as ia vender, como disse.

Vendi-as, naquele momento, saí dali e nunca tive relação nem com o Novo Banco, nem com aqueles fundos que compravam, nem conheço ninguém do Novo Banco que tenha tratado disso, nem conheço ninguém dos fundos. Só conheço o advogado que me chamou lá e a advogada que tinha a procuração.

Nessa altura estivemos reunidos os três e assinei os contratos. Geralmente está tudo certo, nem tenho razão... Se eu fosse outra pessoa talvez visse com mais atenção, mas assinei e vim-me embora.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Disse que vendeu as sociedades por 5000, 6000 €. Porquê o valor?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque é um bocadinho superior ao que eu dei...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ao capital social?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ganha aqui uma margem para criar as sociedades...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Ganhei uns 1000 € em cada sociedade.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — É um negócio interessante.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não é como o negócio do Novo Banco, nem dos fundos. O meu é um negócio não digo miserável, mas é uma coisa...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Disse que vendeu estas cinco a outras sociedades de advogados ou através de outras sociedades de advogados. Pode dizer-nos, mais uma vez, a quais sociedades de advogados?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso tem estado parado. Não tenho agora... Vendi, mas agora não me recordo se seria a sociedades de advogados, ou a advogados particulares, ou a pessoas particulares.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ainda não conseguiu explicar-nos o porquê de pôr a sede desta sociedade na loja 19 do *shopping* Columbia.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque não posso andar à procura de muitas sedes. A gente tem ali a sede de todas as sociedades. As sociedades têm de ter uma sede. É quase uma caixa postal, mas não pode ser só uma caixa postal, tem de ser uma caixa postal física, daí a razão de estar aí. É mais fácil receber correio.

Aliás, outras sociedades que tenho há muitos anos e que mantêm uma atividade diferente é aí que têm a sua sede: a tal Bol-Restaurantes, a tal London Bridge.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Têm todas a sede ali?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Têm todas a sede lá, porque não têm pessoal, não têm movimento. É uma sede onde está organizada a contabilidade.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas nem todas têm a sede na loja 19 do *shopping* Columbia.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tiveram ou não tiveram. Se calhar, não tiveram. Antigamente não era...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pois, se calhar, algumas não tiveram.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Antigamente não seria.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E a partir de quando é que começou a ser?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Talvez há uns quatro anos, ou qualquer coisa assim.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Essa loja é sua?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa loja é minha.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — E já lá teve várias sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Há uns quatro anos mudei a sede das sociedades todas para ali para ter uma concentração. Isto porque a sede

era na Rua de São Bento, mas, depois, arrendei esse andar e deixei de ter aí o escritório, de maneira que tive de fazer a mudança das sedes.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Estou a chegar ao final do meu tempo. Há uma frase que retive das suas declarações todas. O Sr. Engenheiro disse: «Eles sabem como é que eu as tinha» — as sociedades.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eles sabem como é que eu as tinha? Pois, às vezes, sabem que eu as tenho e como as tinha. Não percebi...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — O que acho que é difícil compreender, e, certamente, o Sr. Engenheiro poderá explicar-nos, é como é que eles, grandes advogados, fundos imobiliários estrangeiros, particulares, sabem que o senhor é o...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, os fundos não sabem, desculpe, os fundos não sabem, os fundos fazem o que os advogados que estão aqui a montar os negócios... Quem sabe são os advogados, a Morais Leitão... É possível que na Morais Leitão, que tem vários advogados, haja um advogado de fora que pergunte «preciso de uma sociedade» e que lhe digam «talvez ali o Eng.º Barão tenha». Portanto, é muito claro.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Pois, é uma espécie de... Os ingleses chamam-lhe um *go-to man*, alguém que diga «se precisa de sociedades, vá ali ao Eng.º Barão».

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Mas eu não vendo as sociedades para fazerem maus negócios ou para fazerem alguma burla! É como o caso da arma de que há bocadinho falei, não é? Vendo as sociedades legais, elas

estão certas e vendo-as assim. O que fazem, depois, com elas não sei, nem tenho de saber.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Disse-nos no início que era pintor e mágico. De facto, não sei se isto foi um belo retrato ou alguma obra de ilusão. Não fica, de todo, claro se as sociedades que constitui, ao longo do seu período de vida, servem principalmente para, como diz, uso próprio, para os seus negócios ou para ser a pessoa a quem recorrem advogados de todo o lado para comprar e vender sociedades como veículo.

Efetivamente, aquilo que gostava que nos esclarecesse é se faz disto vida: constituir e vender sociedades para outros...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Em geral, faço algumas sociedades que seriam para meu uso. Enfim, estou à espera.

Mas também faço para, se alguém necessitar delas, as vender.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — A mando de alguém, ou não?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A mando de alguém, não! Eu é que faço as sociedades por minha recriação.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Porque alguém lhe pediu?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não. Já há muitos anos... Comecei por fazer duas sociedades há uns 30 anos. Uma chamava-se Imoparlatório, porque tinha ali o restaurante Parlatório, e outra era a 340, porque era no n.º 340 da Rua de São Bento que tinha a sociedade... Não era Imoparlatório, desculpe, era Imoarade, porque tinha uma coisa ao pé do rio Arade, em Portimão.

Eram duas sociedades e era para comprar um imóvel em Portimão. Essa era a Imoarade e a outra era a 340, e pus esse nome porque era o número da Rua de São Bento.

Acabei por não fazer esse negócio e fiquei com as sociedades. Depois pus um anúncio no jornal e qual não foi o meu espanto — porque até pensei que não vendia! — quando apareceu um indivíduo que me comprou as duas sociedades. Isto é um negócio.

Acabei por fazer algumas sociedades que eram para mim, como estas duas primeiras, para depois eu comprar alguma coisa. Se não vendia, punha um anúncio; se não as usava punha um anúncio. E foi assim que cheguei à sociedade de advogados. Tudo legal, tudo declarado nas Finanças nesse ano, nas mais-valias, conforme a venda da sociedade, e foi pago o imposto. Não posso dizer que é uma atividade minha, mas... Não é uma atividade, porque não vivo disso.

Também pinto uns quadros que, às vezes, vendo e também não sou pintor. Não posso ser tudo!

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sr.^a Deputada Filipa Roseta.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Sr. Presidente, Sr. Eng.º António João Barão, agradeço as suas explicações e vou pedir-lhe para começar a explicar um bocadinho melhor a lógica económica das suas sociedades.

Disse-nos que começou há 30 anos a montar sociedades e que já montou dezenas. Às vezes têm negócios, às vezes não têm negócios. Explique-nos um bocadinho a lógica económica. Como empresário, como é que descreve este negócio, esta atividade a que se dedicou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sr.^a Deputada, isto não é bem uma atividade. Acontece, porque eu, realmente, formo as sociedades para

alguns negócios que tenha de fazer e se não as uso tenho duas soluções: ou as dissolvo, o que dá um certo trabalho e despesa, ou as vendo. Às vezes até as vendo pelo mesmo preço, mas, sempre que possível, com algum lucro. Mas há vezes em que não é possível, porque as pessoas discutem muito e dizem: «Não pagamos isso!». De maneira que vendo, muitas vezes, pelo mesmo valor para não as dissolver.

Normalmente ganho 1000 €, à volta disso, em cada sociedade.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Ganha 1000 € em cada sociedade?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — À volta disso, sim.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Diz que há algumas que não usa. Isto quer dizer o quê? Cria sociedades para não usar?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Estou com ideias de usar, mas, depois, os negócios não se concretizam. Isto porque para formar estas sociedades... Quando vamos a um leilão imobiliário, por exemplo, se se faz uma compra tem de se dar o nome da sociedade que vai comprar, de maneira que temos de as ter formadas para depois poder apresentar na altura do leilão o nome da sociedade que vai adquirir.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Mas explique-me lá porque é que tem de ser uma propriedade por sociedade. O que me parece é que, no fundo, faz uma ou nenhuma por sociedade, pelo menos do que temos estado a ver.

Porque é que é uma por sociedade? Porque é que, de cada vez que vai a um leilão, não usa a mesma sociedade? Qual é a lógica económica disto?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não é a mesma, porque não se deve misturar as coisas, não é?

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Não percebo. Tem de me explicar isso melhor.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não se deve misturar as coisas. Por exemplo, compro um prédio em nome de uma sociedade. Vai-se construir esse prédio, essa sociedade tem uma contabilidade que dá logo a contabilidade do prédio, com as compras e as vendas e tudo isso.

Nunca tive o caso de ter qualquer falência, mas se uma sociedade vai à falência, porque houve um problema com esse terreno, se estiverem os imóveis todos nessa sociedade vai tudo junto e assim é uma maneira de... É uma maneira que se costuma fazer.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Quem é que o introduziu nesta maneira de como se costuma fazer? Quando é que começou a perceber isto?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Comecei, porque também tenho um curso de pós-graduação em gestão de empresas pelo ISCTE, de maneira que comecei a ... ter um certo conhecimento destes assuntos.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Portanto, foi no curso?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Fiz, fiz.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Estou só a tentar perceber o negócio. Para nós, e até no seu próprio interesse, é importante esclarecer, porque

parece que há simulação de criação de empresas para benefícios de alguma parte.

Repito, até para seu próprio interesse, acho que é importante esclarecer qual é o racional destas sociedades. Isto porque não podemos estar a criar empresas só para ter benefícios de alguma... tem de haver uma qualquer lógica. Digo eu. Ou não?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Estas sociedades são criadas para quando forem necessárias, porque se demora bastante tempo... As sociedades têm de fazer o registo comercial, têm de abrir conta bancária, tudo isso, de maneira que as pessoas têm sociedades.

Às vezes, as sociedades de advogados também as tinham em carteira para qualquer cliente que surgisse e precisasse de uma sociedade urgente.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Há algum benefício fiscal associado a estas sociedades? Quais são os benefícios fiscais?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Destas sociedades? Estas sociedades têm um adiamento da isenção do IMT.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Porque é que acha que um fundo como a Anchorage precisa de comprar estas cinco sociedades para fazer um negócio?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, porque isso... Não sei... Eu não sei a quem é que vendi... De maneira que eles é que sabem se...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas isto é a sua vida, não é? Vende estas sociedades a pessoas que precisam delas por alguma razão.

Estou a tentar perceber porque é que as pessoas precisam delas para as ter em carteira para as vender...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Era preciso que dedicasse boa parte do meu tempo a isso, mas essa é uma atividade acessória.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Não estou a dizer isso. Estou a dizer que esta parte da sua vida é um negócio que admite que faz há anos. Suponho que já fez dezenas de empresas. Quantas é que já fez? Consegue quantificar, de há 30 anos para cá, quantas é que já fez?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho noção.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas mais de dez, seguramente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, talvez.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mais de 20? Acha que chegarão a 100?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei, talvez não.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Agora, tem mais de 10?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não tenho.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Não?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Quantas é que tem agora?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não sei ainda, tenho de ver...
Tenho lá umas cinco ou seis sociedades.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Cinco, mais ou menos.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Sim.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Quero voltar a esta questão, porque é bastante importante — e digo-lhe, sinceramente, que acho que, no seu próprio interesse — dizer-nos qual é o racional económico por detrás deste negócio.

Esta é uma das suas atividades. Não é a sua atividade principal, mas alguém vai ter consigo para comprar estas empresas porque quer comprar alguma coisa. Portanto, a minha dúvida é porque é que precisam de si, porque é que precisam do produto que o senhor oferece, que no fundo, são sociedades imobiliárias que não têm atividade.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Pois, porque é difícil fazerem as sociedades rapidamente.

Como viu, aquele fundo parece que foi formado e, depois, comprou sociedades, logo, passados dois ou três dias, porque têm de fazer a compra, às vezes rápida e não têm tempo para formar as sociedades.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Mas, ouça, a questão não é só este fundo. Faz isto por sistema, portanto a minha dúvida é esta: se é por sistema, é porque é um negócio; há empresas à procura deste tipo de sociedades que não têm atividade.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — A minha dúvida é porque é que as empresas procuram estas sociedades.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque têm urgência em fazerem os negócios e não têm tempo para formar estas sociedades.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas porque é que precisam destas sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É para porem os imóveis em nome das sociedades.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Porque é que precisam de pôr os imóveis em nome das sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque, senão, tinha de ser em nome de uma pessoa individual, não é?

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Por questões fiscais? Não sei, esclareça-me...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, é que eles não podem comprar o imóvel em nome do Sr. Manuel ou do Sr. Joaquim; têm de comprá-lo em nome de uma sociedade, por isso compram a sociedade.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Porquê? Porque é que não pode ser em nome do Sr. Manuel ou do Sr. Joaquim?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque não sei quem são esses estrangeiros que têm os fundos... Portanto, se calhar, não lhes convinha eles comprarem, não sei porquê. Isso já...

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Mas há bocadinho disse que talvez haja algum benefício em IMT?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, isso também é uma vantagem que eles têm, porque isso é uma coisa que é normal. Quer dizer, se a pessoa está a comprar para revender, não quer pagar o IMT, que é logo um valor... Não é uma isenção de IMT, é um adiamento. Portanto, quando compram, têm um adiamento de três anos para pagar o IMT.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Aí, já se encontra uma boa justificação para precisar de ter as sociedades?

Estou só a precisar de ser esclarecida para que é que é o seu negócio.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

Quem compra é que sabe qual é a vantagem que vai ter.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Sim, mas se o senhor vende, é porque sabe que eles precisam, não é?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — E, portanto, sabe porque é que eles estão a precisar de si?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, precisam destas sociedades.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Esclareça-me a seguinte questão.

Relativamente ao negócio do Novo Banco não sabe nada, mas, objetivamente, comprou sociedades que não têm nenhuma atividade, durante quase um ano, e que foram criadas, mais ou menos, ao mesmo tempo que o fundo das Ilhas Caimão.

Portanto, as datas são muito coincidentes, não é?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É isso.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Foram as duas montadas praticamente na mesma altura, e, depois, esse fundo das Ilhas Caimão acaba por comprar as suas cinco sociedades, precisamente para fazer a transação.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Já sei que vai dizer que não sabe disso,

...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso é uma coincidência.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — ... eu entendo, mas tem de entender a nossa genuína apreensão, até porque os contribuintes pagaram, até aqui, à partida, 260 milhões de euros, neste negócio — para além, obviamente, do IMT, que já se percebeu que, obviamente, também já foi.

Mas já sei que isso não é nada consigo.

Falou que tinha comprado um edifício à Estamo. Que edifício é esse e quantos comprou à Estamo?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Só comprei esse edifício. Nunca mais comprei nenhum.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Só comprou um.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Algum destes negócios foi com o seu próprio dinheiro? Ou ganha apenas 1000 € de cada vez que faz uma sociedade? Ou seja, quanto é que ganha com isto tudo? Esta é que é a minha pergunta, no fundo.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É, é esse valor.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Já há 30 anos que anda a fazer isto e só ganha 1000 €, ou por volta disso, de cada vez que passa a sociedade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, porque, como disse, muitas vezes tenho interesses em vender, às vezes até pelo próprio valor, porque são sociedades que tenho feitas para possíveis negócios eu faça, mas se as deixar ficar elas morrem e, além de não valerem nada, tenho de as dissolver. De maneira que, assim, se as vendo a alguém, ganho alguma coisa, ou não ganho mesmo nada, mas isso é bom.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Qual é que é o seu negócio real, na vida, para além disto?

Disse que isto era só um *hobby*, portanto, o que é que faz?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Agora, estou praticamente reformado.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — O que é que era? Isto é um negócio de há 30 anos para cá.

Nestes últimos 30 anos, qual é que era a sua atividade principal, se isto era só um *hobby*?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu era professor. Fui professor no Instituto Superior de Engenharia e na Universidade de Luanda e depois reformei-me. Fui professor no Instituto Superior Técnico, já há muitos anos, depois, na Universidade de Luanda e no ISEL, e, depois, reformei-me.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Portanto, estes investimentos de compra de propriedades nunca são seus? Ou são seus? Mete o dinheiro para comprar as propriedades ou tem só as sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim, o investimento é meu.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Diga, diga.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O investimento é meu.

Quando os faço — não é muito não é muita coisa, a maior coisa foi aquele prédio da Estamo.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Portanto, quantas propriedades é que comprou? Se não são muitas, sabe me dizer quantas é que comprou para si?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — São coisas pequenas.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Uma, duas, três, 10?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Várias coisas: apartamentos no Algarve... Comprei várias coisas.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Consegue quantificar?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Comprei um andar em Lisboa, mas já há uns dez anos... Pouca coisa.

Agora, ultimamente, não tem aparecido. Vou agora comprar um terreno.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Também já montou uma sociedade?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — É verdade.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Deixe-me fazer-lhe umas perguntas, a ver se sabe...

Já percebi que, sobre o negócio do Novo Banco, o senhor não nos vai, eventualmente, acrescentar nada, mas eu queria perceber um bocadinho mais...

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não tenho nada a acrescentar porque não sabia: quando vendi as sociedades não sabia para que se

destinavam. Aliás, nunca sei, quando vendo as sociedades não sei a que é que se destinam.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Tem alguma conta bancária no estrangeiro?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não, não tenho.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Alguma em *offshore*?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não, não.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Deixe-me lá pensar aqui um pouco. Portanto, é, atualmente, o sócio-gerente da empresa Nenuphardynasty?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Acho que não.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É ou foi sócio-gerente da empresa Quotidian Guardian Society — Imobiliária?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Como disse, esses nomes são complicados e eu não os fixo.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É, ou não é, sócio-gerente... Quer que eu repita o nome? Nenuphardynasty.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — É possível.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É, ou não, sócio-gerente...

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Devem ser essas sociedades, que há pouco referiram, perguntando se eu tinha, neste momento, alguma constituída.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Portanto, será também sócio-gerente da Quotidian Guardian Society, uma sociedade imobiliária? É possível?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — É possível, é.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Intuition & Bravery Society — Imobiliária?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — É possível.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da 3060 — Sociedade Imobiliária?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Essa é uma muito antiga.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Mas também é?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não, não sou. Agora não sou.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Já não é?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Já não sou.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da London Just?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa foi a tal firma que foi dissolvida.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Euronews?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Também é uma firma que já foi dissolvida.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Colossal Quotidian Society — Sociedade Imobiliária?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Talvez.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Eurobona — Sociedade Imobiliária?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa firma deve ser muito antiga.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente do Espaço Paris?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A Espaço Paris é uma firma atual que tenho.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente a Regularbinary — Sociedade Imobiliária?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa não sei.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Qual é que é o seu contabilista para estas cinco sociedades que foram para as Ilhas Caimão?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — O contabilista é o meu contabilista.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Mas como é que se chama?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Chama-se Pedro Domingos.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Pedro Domingos: isso é uma é uma firma ou é um nome individual?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — É um nome individual.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Ele faz tudo isto ou fez só este negócio que vendeu ao Luxemburgo?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Faz em geral as contabilidades das firmas.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Faz tudo? Fez estas todas?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Ele não fez as sociedades, fui eu que as fiz.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Certo, certo. Claro, ou seja, ele é o contabilista de todas estas suas sociedades imobiliárias?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Na constituição, geralmente, até o indico como contabilista e ele fica como contabilista.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Portanto, é o único, não há outro para estas sociedades todas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Há mais alguém que tenha estado consigo, desde sempre, nestes negócios, para além do contabilista?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Portanto, é o senhor, a sua mulher e o contabilista?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — E os três fazem estas sociedades todas de que estamos aqui falar?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O contabilista não; eu faço as sociedades.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Claro, certíssimo, Desculpe-me. Fez bem corrigir-me.

Portanto, o senhor e a sua mulher montam as sociedades e o contabilista é o contabilista destas sociedades.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim. Agora, ultimamente, até na própria constituição da sociedade, se indica, às vezes, o contabilista.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da 5050, de que julgo que já se falou há bocadinho, não é?

É sócio-gerente da Espaço Algarve?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa, a Espaço Algarve, é uma sociedade de mediação imobiliária.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Eurobarcelona?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É possível, sim. Essas são antigas.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Chavanon — Sociedade Imobiliária?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente do Imoindigo — Empreendimentos Imobiliários?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa da Chavanon é uma sociedade ativa. Tem dois imóveis.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — E quais são os imóveis?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — São dois andares para escritórios.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É arrendamento?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Diga?

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Arrenda-os?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, estão no mercado para revenda.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio da Imoantuérpia — Sociedade Imobiliária?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, essas são muito antigas já.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio da Imomonza — Empreendimentos Imobiliários?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, é possível.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio da Eurogigante — Sociedade Imobiliária?

É sócio da Imotrotis — Empreendimentos Imobiliários?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa não me recordo...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — É sócio-gerente da Imomacau?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É possível. São nomes que...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — A lista de que disponho é demasiado extensa, mas a ideia é a de tentar explicar que temos de perceber...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, já disse que tinha feito umas dezenas de sociedades.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Julgo, sinceramente, que o esclarecimento das nossas dúvidas é mesmo do seu próprio interesse, para nos mostrar que não está a dividir a matéria para fazer, em última análise, fraude fiscal. Está a ver? Não pode ser!

Portanto, é do seu interesse tentar dizer-nos qualquer coisa que possa contribuir para garantir que cada uma destas sociedades é real, tem um negócio atrás e que não está a ser só montada, formalmente, perante a lei, mas que, em termos substantivos, objetivamente, talvez não.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Estou só a tentar que perceba a nossa perplexidade e as nossas dúvidas.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Elas não...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Porque o negócio está de tal maneira apresentado, que nós, genuinamente, temos justas dúvidas de que se trata só de maneiras de não pagar impostos...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, porque isto não é para não pagar impostos.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Explique-nos, porque os benefícios fiscais têm uma lógica, não é? Não é só formalmente estar correto. Tem de haver uma lógica por trás

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É um adiamento!

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Olhe, o exemplo, que foi agora muito conhecido, da barragem. Tem de haver uma lógica, por detrás, para não parecer que estas estão apenas a ser montadas...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Estas empresas até têm a vantagem, perante o Estado, porque permitem que as firmas façam compras de imóveis e movimentos. Apenas têm um adiamento do pagamento, porque se revenderam...

Há um adiamento de três anos. Antes era de dois anos. Depois, se se justificava, se não permitia a venda, se havia dificuldade, davam mais dois anos — eram quatro —, e depois passaram para três anos. Na verdade, tenho essas firmas montadas para possíveis negócios meus. Depois, se não se concretizam, cedo-as.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — O meu tempo já terminou, mas acho que nos ajudou a perceber um pouco este negócio. Portanto, agradeço as suas contribuições, ou seja, quanto à sua participação no seu negócio, se bem que em nada do que nos traz aqui, que é a grande questão dos imóveis do Viriato.

Agradeço os seus esclarecimentos, que foram os possíveis, considerando que não sabe de nada, não viu nada nem falou com ninguém

que tenha a ver com imóveis do Viriato, apenas toda a gente sabe, no mundo do imobiliário, que o senhor vende sociedades que não têm atividade para conseguir montar negócios imobiliários. É isto que eu registo que o senhor faz.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Às vezes faço, outras vezes não faço...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas é isso. Toda a gente nos negócios sabe. O senhor não conhecia ninguém nem ninguém o conhecia a si, mas toda a gente sabe que, se precisar de uma sociedade que não tem atividade para montar um negócio imobiliário, o senhor tem.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Posso ter ou não ter.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas falam consigo. Portanto, à partida, é o produto que o senhor vende.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Muitas vezes têm falado comigo e não tenho.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas se um fundo das ilhas Caimão vai ter consigo é porque, de alguma maneira, alguém sabe que o senhor faz isto.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei se são as Ilhas Caimão, sei que...

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Não estou a dizer que os conhecia, estou a dizer que chegou a si. Se o negócio começa nas Ilhas Caimão, vai

para o Luxemburgo e chega a si é porque se sabe, no meio, que o senhor... É o maior negócio da Península Ibérica. É porque se sabe, no meio, que o senhor faz isto, que tem sociedades imobiliárias.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É possível. Eles sabem o que eu faço, mas não sou uma pessoa que tenha, como uma loja, uma sapataria que tem lá sapatos.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas conhece-se no mercado. É que no imobiliário também não há sapatarias...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — No caso da sapataria, umas vezes ter sapatos outras vezes não, não pode ser. Essa é uma pessoa que tem uma atividade normal. Eu às vezes tenho e outras vezes não tenho.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Entendo. Mas é este o seu papel. Tem sociedades imobiliárias sem atividade para dar a quem precise para montar um negócio. Aliás, é para vender, não para dar, porque só ganha 1000 € por cada uma. Portanto, é para vender...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não é bem assim, às vezes tenho, outras vezes não tenho. Não sou uma pessoa que tenha uma máquina de fazer sociedades para vender.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Mas já fez muitas, e muitas delas não tiveram atividade.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Fiz muitas porque também são muitos anos, são 30 ou 40 anos, não sei, e são muitas...

O Sr. **Presidente**: — Já todos percebemos.

A Sr.^a **Filipa Roseta** (PSD): — Sim.

O Sr. **Presidente**: — Sr.^a Deputada Mariana Mortágua, faça favor.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Sr. Eng.^o António Barão, queria pegar exatamente nesta questão do IMT.

Disse-nos, há pouco, que constitui empresas e que depois faz um movimento com essas empresas. Até nos falou das arrecadações que eram transacionadas entre as suas empresas para as empresas terem um movimento. Portanto, confirma que tem esta preocupação de fazer um movimento nas empresas que constitui?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Às vezes é uma arrecadação, outras vezes pode não ser.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Mas a preocupação de fazer um movimento existe?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Sim, as sociedades têm de ter movimento, não é?

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Não, não têm, a não ser...

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Se não, estão inativas e tem de se dar baixa delas. Por isso é que a sociedade é para fazer uma compra, se

não faço a compra este ano... Tenho de fazer alguma compra para a sociedade se manter ativa. Se não fica inativa e tenho de dar baixa dela.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Não, há sociedades que não têm qualquer movimento durante anos e não se dá baixa.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Sim, mas deviam ter.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Inclusive, tem sociedades no seu registo que não têm atividade há anos e não deu baixa delas.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não pode ser. Se não têm atividade... Em todas as sociedades que eu tenho, todos os anos se entregam as declarações nas Finanças, têm sempre despesas, se são ativas...

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Deixe-me só tentar compreender uma coisa.

Há pouco falámos sobre o IMT. As empresas que fazem revenda de imóveis têm isenção de IMT durante três anos desde que revendam os imóveis em três anos. Mas as empresas que sejam constituídas e tenham pelo menos um ano com um movimento, em vez de pagarem o IMT à cabeça e depois ser-lhe restituído passados três anos, têm essa isenção de IMT à cabeça. Confirma isto?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não, quando são constituídas não têm. Pagam IMT.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Quando são constituídas não têm. Em que circunstâncias é que passam a ter isenção de IMT à cabeça?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Depois de terem um ano de atividade.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — E um ano de atividade com...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Um ano de atividade.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Um ano de atividade com um movimento, pelo menos.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso. Exatamente.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — E essa é a razão pela qual tem a preocupação de fazer um movimento nas sociedades que constitui?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, às vezes, é.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Portanto, quando alguém lhe compra uma sociedade, compra uma sociedade porque, por exemplo, pretende comprar um imóvel mas, para ter acesso à isenção de IMT, precisa de usar uma sociedade imobiliária que tenha sido constituída há mais de um ano e que já tenha movimentos.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exato.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Portanto, vende um serviço de não pagamento de IMT por via de sociedades imobiliárias já constituídas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não é bem não pagamento...

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — É isenção à cabeça.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exato. É adiamento.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Qual é o volume de negócios que faz? Num ano, quantos imóveis é que compra e vende habitualmente?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Agora tenho estado a fazer pouco...

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Mas em 2019, em 2020, em 2021, tem uma média? Sabe dizer-me se é um ou outro ou se é um investidor de peso no mercado imobiliário português?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Eu próprio? Ultimamente não.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Disse-nos há pouco que, quando constitui sociedades, as constitui para si e, quando não precisa delas, as vende.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Explique-me por que é que constituiu oito sociedades imobiliárias em 2019, se tem pouca atividade imobiliária.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Constituí umas que seriam para mim e outras que seriam para vender.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Mas não fez negócio com nenhuma delas?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não me recordo. Em 2019... Foi na altura destas, aqui...

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Estas são de 2017.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Ah, são de 2017...

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Estas de que estou a falar são oito sociedades que foram constituídas em 2019. Até lhe vou dizer: são seis sociedades constituídas no mesmo dia, o dia 15 de maio de 2019, e mais duas constituídas no dia 1 de abril de 2019.

Acabou de me dizer que não tinha atividade imobiliária de grande peso mas constituiu nove sociedades em 2019...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exato.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Terá de nos dar uma explicação para isto, por favor.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Podiam ser usadas por mim ou, se não as usar, vendo-as.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Mas podiam ser usadas para si para quê?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Para alguma compra que surja, para alguma oportunidade.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Em que ano comprou nove imóveis?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não, não comprei.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Tem memória de nos últimos anos ter comprado nove imóveis?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Mas às vezes há oportunidades que surgem, em que a pessoa vai a leilões ou qualquer coisa assim.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Mas alguma vez comprou nove imóveis?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não, mas é que eu sei que, se não comprar os imóveis, vendo as sociedades.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Alguém lhe pediu para constituir estas sociedades? Há pouco disse que foram constituídas a pedido de outra pessoa.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não. As sociedades são feitas por mim sem saber se as vou vender, se as consigo vender ou se é para minha utilização.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — E em 2019 achou que era um bom ano para constituir oito sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Talvez...

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Peço imensa desculpa...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Constituí-as...

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Isto do «talvez», «não me lembro», «pode ser», de duas, uma...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Constituí as sociedades para as usar nalguma compra que eu fizesse ou, se não fizesse a compra, venderia.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Vou perguntar-lhe de outra forma: que compras tinha em vista em 2019 para ter decidido criar oito sociedades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei. Normalmente vou ver leilões das Finanças, vou ver leilões *on-line* e, depois, posso comprar ou não, conforme o negócio possa surgir.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Mas havia algum negócio específico que tinha em vista? Se não, não há razão para constituir nove sociedades. Foram nove as sociedades constituídas no espaço de um mês...

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Quando formo as sociedades, faço-o por minha iniciativa, não sei a que é que se destinam as sociedades.

Se não as usar, sei que, geralmente, as vendo — mas posso não as vender — e aí posso ter algum lucro. Por isso, se precisar de três, faço nove, mas sempre sem ter a certeza se as vendo ou não. Já tenho ficado com muitas sociedades de um ano para o outro, porque não as vendo. Espero para ver se tenho alguma oportunidade, ou para um negócio meu ou para uma venda.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Estas sociedades nunca compraram nenhum imóvel? Nunca? Nenhuma delas?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Não.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Vai desculpar-me, mas não acredito que tenha constituído nove sociedades entre abril e maio de 2019 porque se lembrou de ir ver se havia leilões nas Finanças. Tinha de haver uma razão para ter constituído nove sociedades.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Uma parte para isso e outra para fornecer a pessoas que necessitem delas.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Sim, mas não vai constituir nove sociedades sem saber se alguém necessita delas.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Pois.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — É que teve custos com cada uma delas, entre 622 € e 800 €. Portanto, multiplicando 800 € de custos por nove sociedades, no mesmo ano e no mesmo mês... Porquê?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque sei que normalmente as posso vender. Às vezes não as vendo, mas, em princípio, é para as vender também. Será para meu uso ou para venda. Conforme.

O que nunca fiz foi sociedades a mando de ninguém. Faço as sociedades por minha iniciativa; depois, vamos lá ver o que é que vai dar, se vem algum imóvel que tenha interesse; se não vierem imóveis, vendo as sociedades.

Desde essa altura, por experiência própria sei que há sempre alguém interessado e, então, posso vender a sociedade, ganhando 1000, às vezes 2000 €. Nem sempre são 1000 €; é conforme.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Vou rever a gravação desta audição, mas podia jurar que, quando lhe perguntei pela primeira vez pelas nove sociedades, me tinha dito que algumas eram para si e outras não.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim. Umam eram para mim, outras não, mas não eram para ninguém, eram para eu as ter se aparecesse alguém para as comprar. Nunca faço sociedades a mando de ninguém. Constituo as sociedades e depois vendo-as, se me pedirem. Nem nunca soube se esse fundo foi ou não constituído; se calhar, se vierem chamar aqui o Dr. Torres, da Morais Leitão, ele dirá que eu nunca soube nada disso nem nunca falámos de nada. Ele, depois, na altura própria, é que me telefonou a saber se eu tinha sociedades ou não.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Qual é o valor do património imobiliário que tem nas suas sociedades?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — É de 1 ou 2 milhões de euros, talvez.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Portanto, tem 1 ou 2 milhões de euros, no total, de património imobiliário?

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Sim.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Eu diria que não é propriamente um grande proprietário imobiliário, embora pague IMI, mas apenas num ano, em dois meses, entendeu que deveria constituir nove sociedades para comprar imóveis.

O Sr. Eng.^o **António João Barão**: — Seriam para mim e para vender. Mas, normalmente, nem sei se vou vender... Até as posso usar todas nesse ano, porque surgiu, por exemplo, uma oportunidade boa e uso as sociedades todas; se não surgir, vendo as sociedades.

Nunca sei, quando faço as sociedades, a quem é se vão destinar, se são para mim ou se são para vender. Depois, pela experiência que tenho, se não forem para mim, geralmente consigo vendê-las. Há procura e, portanto, pelo menos para não perder o dinheiro. Geralmente ganho pouco, porque as pessoas também não querem dar assim muito. Deviam dar mais, mas não dão.

A Sr.^a **Mariana Mortágua** (BE): — Em que outros anos é que constituiu assim um número de sociedades quase às dezenas? Como é que

funciona? Porquê em 2019 nove sociedades? Também constituiu em 2018? Qual é a lógica?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Antes constituía poucas. Como disse, comecei por constituir de uma vez duas, depois não as usei e vendi-as. Outros anos eram menos. Portanto, há uns 30 anos pode contar-se para aí umas 50 sociedades, talvez.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Portanto, 50 sociedades espalhadas ao longo dos últimos anos?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, em 30 anos.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — E todas para serem vendidas com esta lógica de serem para pessoas que as querem usar?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, muitas usei-as eu. Uma Chavanon, uma Euronew, uma Espaço Paris... Várias sociedades... Outras já foram vendidas, quer dizer, utilizei para pôr um imóvel em nome delas, porque precisava de comprar esse imóvel. Depois, acabei por vender o imóvel e dissolvi a sociedade... É assim.

A Sr.ª **Mariana Mortágua** (BE): — Não tenho mais perguntas. Obrigada.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Engenheiro, queria colocar-lhe duas ou três perguntas.

A primeira é a seguinte: na sua atividade alguma vez recorreu a crédito bancário, designadamente no Novo Banco?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — No Novo Banco?

O Sr. **Presidente**: — Designadamente no Novo Banco.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, nunca.

O Sr. **Presidente**: — E noutro banco?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Tive um empréstimo no Banif.

O Sr. **Presidente**: — O único?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

O Sr. **Presidente**: — Outra pergunta: a sua mulher, enquanto sua sócia, tem uma atividade ativa no seu negócio, ou limita-se a assinar os papéis que...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não. É como eu disse: preciso de ter um sócio e normalmente é ela que fica minha sócia.

O Sr. **Presidente**: — Tem avença com algum advogado ou alguma sociedade de advogados?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não tenho avença nenhuma.

O Sr. **Presidente**: — A procura das suas sociedades é grande?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, agora não tem sido.

O Sr. **Presidente**: — Mas já foi?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Já foi maior.

O Sr. **Presidente**: — E porque é que as vende pelo preço de custo do capital social?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Algumas, sim, outras não.

O Sr. **Presidente**: — Mas se houve uma altura em que a procura era grande, porque é que não inflacionou o seu preço?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, mas algumas custam 7000 €, 6000 €...

O Sr. **Presidente**: — E andou sempre à volta dessas unidades?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim, sim.

O Sr. **Presidente**: — Nunca foi mais do que isso?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei se alguma vez foi mais. É possível... Geralmente peço mais, peço 8, peço 9, mas as pessoas começam a discutir e, se formos ver, ultimamente, há muitas sociedades à venda no jornal e se telefonar custam 5000 €.

O Sr. **Presidente**: — Alguma vez vendeu alguma sociedade com imóveis?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Com imóveis?... Não, não vendi.

O Sr. **Presidente**: — Não vendeu. Tem a certeza?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Com imóveis, quer dizer, eles têm, às vezes, mas não, não vendi.

O Sr. **Presidente**: — Tem a certeza?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Que me recorde... nunca vendi.

O Sr. **Presidente**: — Alguma vez passou uma procuração para, em seu nome ou em nome da sua mulher, constituir uma sociedade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Se passei uma procuração?

O Sr. **Presidente**: — Estou a perguntar se alguma vez passou uma procuração?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, nunca.

O Sr. **Presidente**: — Foram sempre constituídas por si?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Todas constituídas por mim.

O Sr. **Presidente**: — É possível dar-nos ou enviar-nos uma lista de todas as sociedades que criou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sr. Presidente, agora não sei, porque no outro dia estive a fazer uma limpeza e dos últimos dez anos deitei tudo fora, as pastas todas.

O Sr. **Presidente**: — E não é possível enviar-nos uma lista das sociedades de que tem o registo e de que se recorda?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Vou ver o que consigo.

O Sr. **Presidente**: — Muito bem.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O Sr. Presidente queria as sociedades agora... Como disse, deitei fora muita pasta que lá tinha, os papéis todos. Queria desde quando?

O Sr. **Presidente**: — Desde que tem memória, que tem registo.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Desde que tenha algum registo.

O Sr. **Presidente**: — Está bem?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Vou ver. Vou ver se consigo, não sei se consigo obter isso tudo, porque a minha organização não é grande. Sou eu, praticamente, sozinho.

O Sr. **Presidente**: — E o seu contabilista?!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — O contabilista. Mas o contabilista só vem praticamente no fim do ano e eu reúno os papéis, porque as sociedades têm muito pouco movimento — são quatro ou cinco papéis.

Estas sociedades que, depois, vendo não têm, praticamente, movimento.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Engenheiro, sinto, da sua parte, uma grande desvalorização do seu próprio negócio. Porque é que tem essa atitude?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Desvalorização do meu negócio?

O Sr. **Presidente**: — Sim, o senhor desvaloriza o seu negócio!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não ganho muito com o negócio. Ganho 1000 €, 2000 € no máximo.

O Sr. **Presidente**: — Então, o senhor cria empresas, vende empresas, cria empresas só para vender e limita-se a ganhar 1000 € em cada negócio?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É isso, Sr. Presidente. Nem se consegue agora vender... Agora, até ia desistir de fazer empresas, porque...

O Sr. **Presidente**: — Agora já desistiu, mas houve uma altura em que o negócio estava a correr bem.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A correr bem, mas com esses valores.

O Sr. **Presidente**: — E daí não sai, não é?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É isso. As Finanças estiveram lá e viram todos os valores, o que ganhei, as cópias dos cheques e tudo isso, todos os pagamentos.

O Sr. **Presidente**: — Quer acrescentar alguma coisa?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não tenho mais nada a acrescentar, só tenho de dizer que quando formo as sociedades faço-o por iniciativa própria, que ninguém me manda fazer as sociedades e que, especialmente neste caso, desconhecia totalmente a quem as sociedades se destinavam ou, pelo menos, o fim para que iriam servir.

O Sr. **Presidente**: — Sr.ª Deputada Filipa Roseta, tem a palavra, para uma interpelação à mesa.

A Sr.ª **Filipa Roseta** (PSD): — Sr. Presidente, é só para anunciar que vamos apresentar um requerimento para solicitar a vinda do contabilista Pedro Domingues.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Miguel Matos, tem a palavra.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Eng.º António Barão, há aqui, de facto, coisas que nos deixam atónitos e acho que o senhor fazia bem em pegar no seu computador e rever esta audição para perceber as várias incoerências, contradições que disse. Porventura, aí, poderá mandar um *e-mail* para esta Comissão a dizer qual das duas, três ou quatro versões que deu ao longo destas horas é verdade.

Tenho apenas duas questões que lhe queria colocar...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não sei quais foram as contradições, mas, se me disser, posso responder.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Vou fazer-lhe uma pergunta sobre uma contradição e outra sobre um assunto que me preocupa.

A primeira tem a ver com a Imoindigo — salvo erro, foi esse o nome, posso estar errado, o Sr. Engenheiro saberá — que o senhor disse que tinha dois imóveis. Ora, o Sr. Engenheiro disse-nos que punha sempre os seus imóveis em empresas separadas, que era um hábito que tinha colocar cada imóvel numa única empresa. Nesta, pelos vistos, pôs dois.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É impossível.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Disse há bocadinho e isso consta das gravações.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Desculpe, mas não ter dito que coloquei dois imóveis.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Disse, com certeza, que era uma sociedade que tinha dois imóveis.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Disse, isso consta das gravações.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa Imoindigo vendi-a, sem imóveis. Se eles puseram dois imóveis ou não ... O problema é que eu podia ter continuado na sociedade como gerente, porque eles não deram baixa na conservatória. Pode ser que tenha sido essa que o Sr. Deputado disse que era em Gaia, lá para o norte, não é?

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Não, a do norte não era esta, tinha outro nome.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — As sociedades que vendi nunca as vendi com imóveis. Aliás, o notário tem de dizer que a sociedade não tem bens imóveis, porque, senão, fica sujeita a pagamento de IMT em relação a esses imóveis...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Com certeza. Consta da gravação e constará da ata que o senhor disse que tinha uma sociedade que tinha dois imóveis e, para nós, é importante aferir a inconsistência...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa sociedade...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Até pode não ser essa!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não é essa sociedade, mas tenho uma sociedade que é a Chavanon que tem dois andares em Lisboa...

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ah, então é a Chavanon que tem dois andares em Lisboa?

Mas o que gostávamos de perceber, Sr. Engenheiro, é porque é que é sua prática meter sempre um imóvel por sociedade, mas na Chavanon

decidiu colocar dois. Pergunto se, porventura, tem outras sociedades em que tem dois, três, quatro, os que forem...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Mas é assim: a Chavanon também beneficiou do IMT. Inicialmente comprei um imóvel, depois vendi e depois comprei outros dois. Isso foi algum movimento que a firma fez. Não sei.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Mas, então, confirma que na Chavanon quebrou a sua regra de não meter os ovos todos no mesmo cesto, colocando dois imóveis.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim. Nas outras faço só uma compra para ter movimento.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — O que é interessante é que diz que vendeu sempre sem imóveis, mas, sempre que constitui uma sociedade, compra uma arrecadação ou outra coisa qualquer para a empresa ter alguma atividade. Porventura, vendeu sempre com uma arrecadação algures.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não vendi.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Então, quando constitui uma sociedade, compra uma arrecadação. Depois, decide que vai vender a sociedade, vende a arrecadação para, posteriormente, poder vender a sociedade sem imóveis. É isto?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — É isso, mais ou menos.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Presumivelmente, é sempre com esta forma circular de comprar a arrecadação a si próprio, vendê-la a si próprio.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — A mim próprio ou a outra pessoa qualquer.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Ou a outra pessoa qualquer. Muito bem.
A minha última pergunta, Sr. Presidente, agradecendo-lhe a tolerância relativamente a este formato pergunta/resposta que não é o indicado nesta ronda.

O Sr. **Presidente**: — Tem que ver com a personalidade da pessoa que estamos a ouvir.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Agradeço, Sr. Presidente.
Pergunto, então, quando é que fez a limpeza, porque o S. Engenheiro disse que a fez há uns dias, há umas semanas.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Qual limpeza?

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — A limpeza da sua casa que fez com que deitasse fora um conjunto de papéis em relação às sociedades de que foi gerente ou sócio.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Essa coisa que deitei fora, com mais de 10 anos, já foi há bastante tempo.

Com a mudança de papéis, e tal, às vezes, tenho um bocado de dificuldade, nas arrumações, em procurar documentos.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Aquilo que é material sabermos é se o Sr. Engenheiro deitou fora algum tipo de documentação desde que foi convocado para esta comissão de inquérito, ou desde que esta comissão foi constituída.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não, não. Não deitei nada fora. Não tenho nada que deitar. Não tenho qualquer problema em manter os documentos.

O Sr. **Miguel Matos** (PS): — Esperemos que assim seja e que possa fazer chegar a esta comissão de inquérito toda a documentação.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Hugo Carneiro.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Sr. Presidente, Srs. Deputados, antes de mais, muito bom dia.

Estive a ouvir atentamente esta audição e fiquei perplexo. Sobressalta-me a sua serenidade perante factos que nos parecem de difícil compreensão.

O que é que não se compreende? Não consigo perceber como é que instituições financeiras, escritórios de advogados, pessoas com elevados conhecimentos na gestão dos seus próprios interesses se lembram de recorrer a si para constituir sociedades para, depois, fazerem essa transação das sociedades e das imobiliárias.

Sabe que, há uns anos, para constituir uma sociedade comercial, nomeadamente uma sociedade por quotas, era preciso 5000 € de capital social. Hoje em dia já nem isso é necessário, porque com 1 € ou 2 € consegue-se constituir uma sociedade comercial, por isso não consigo perceber porque é que precisam de si.

Não se percebe o racional económico da sua atividade. Deixe-me ser muito franco, e desculpar-me-á pelo que vou dizer, mas acho que isto é um caso que o Ministério Público devia investigar. Não tendo esta Comissão, provavelmente, os poderes de que necessitaria para investigar esta matéria, o Ministério Público deveria fazê-lo.

Vamos pedir, Sr. Presidente, ao Registo Nacional de Pessoas Coletivas a informação de todas as sociedades de que haja registo e que eventualmente tenha constituído nos últimos anos.

Assustou-me também — o meu colega já referiu isto anteriormente — , quando disse que, dos últimos 10 anos, fez uma limpeza.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Sim.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Gostava que ficasse muito claro: o que é que destruiu? Se me diz «Destruí os registos contabilísticos relativos ao período para o qual a lei já não me obrigava a guardar», isso consigo perceber, porque é assim que funciona. Mas se estamos a falar de registos muito recentes...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, de recentes não destruí nada. Só destruí de 10 anos para trás.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Muito bem. Mas tem os recentes, portanto, tem os registos de todos os negócios que estão sob investigação desta Comissão. Esses, tem?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Se o Sr. Deputado vai pedir ao Registo Nacional de Pessoas Coletivas, isso é bom porque me liberta um bocado deste trabalho. Vou ter um bocado de trabalho, porque sou eu sozinho

e tenho 77 anos. Já me custa um pouco... Quer dizer, vou fazer isso, mas não é uma coisa fácil.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — O que lhe posso dizer é que iremos fazer o requerimento para o pedido ao Registo Nacional de Pessoas Coletivas e, em função da resposta, perceberemos qual é o complemento que se impõe da sua parte.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso é bom, porque assim já sabem.

O Sr. **Presidente**: — Assim fica mais descansado.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Isso poderá ajudar.

Queria dizer também que me parece que, às tantas, o Parlamento tem de olhar para esta matéria dos impostos e das imobiliárias. Também me parece que o Parlamento tem de olhar para isto.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Isso está tudo esclarecido. As Finanças ...

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Percebo, mas parece-me que o Parlamento tem de olhar para isto.

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nas Finanças estão lá essas firmas todas. Tive uma inspeção de uns 15 dias ou um mês, com as escrituras, as firmas, os cheques, os pagamentos... Viram a minha conta bancária e tudo isso. Está tudo visto!

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Finalmente, queria fazer duas perguntas muito objetivas. Primeira, qual é o racional económico da sua atividade? Durante a audição isso não ficou claro.

Segunda, relativamente aos negócios que aqui foram referidos e que têm que ver com os ativos do Novo Banco, tem *e-mails*, cartas, escritas a computador ou manualmente, trocados com os seus parceiros de negócio, ou algo do género que possa facultar a esta Comissão?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Absolutamente nada. Não tenho qualquer documento, nem nunca tive, relativamente a trocas com essas pessoas, porque até nem as conhecia, nem sabia que existiam.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Por fim, relativamente ao contabilista, já disse quem era. Foi sempre a mesma pessoa ao longo de toda a sua vida nestes negócios? Foi sempre a mesma pessoa que fez a contabilidade?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, tive outro contabilista. Havia uma senhora que era a D.^a Graciosa. Mas este já é meu contabilista há mais de 20 anos.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Ele costuma recomendar-lhe ou dar-lhe sugestões relativamente a estes negócios?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não, não. Eu organizo os papéis e ele fecha-me a contabilidade da firma. É só essa parte legal, porque normalmente eu é que faço atas, umas pequenas atas, que é preciso fazer inicialmente quando a firma é constituída. Faço, mais ou menos, o trabalho

todo e ele faz só a parte burocrática de fechar e entregar as declarações nas Finanças.

Já agora, quando o Sr. Deputado diz que estranha que as sociedades de advogados recorram a mim, isso acho que não é bem assim, porque eles só recorrem... Se calhar, têm lá muitas firmas, mas só recorrem quando precisam, ou porque precisavam de... Têm lá 20 ou 10, mas depois precisam de mais duas ou três que lhes faltam.

Portanto, as sociedades de advogados têm essa organização. Se não fizer as sociedades, não estou a fazer nada de mal, porque eles próprios fazem essas sociedades. Normalmente têm-nas.

O Sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Mas se eles tinham, não precisavam de si...

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque não tinham que chegassem. Se calhar, precisavam de mais. É uma sociedade grande — e estou a falar só da Morais Leitão. Eles têm 200 advogados, se calhar precisam de ter algumas 30 ou 40 firmas destas por ano. Não sei...! Isto é uma suposição minha, porque não estou lá dentro, não estou dentro dessas sociedades.

Quando lhes faz falta alguma, que não têm, vão procurar, mas não é só a mim, vão procurar outras pessoas. Às vezes dizem-me: «Tem de fazer um preço mais barato, porque há aqui uns indivíduos que fazem 5000 €, 4000 €, mas a gente preferia comprar a sua, dar-lhe a si, porque sabemos que vem tudo certinho». De maneira que é assim...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado Hugo Carneiro, tem a palavra para terminar.

O sr. **Hugo Carneiro** (PSD): — Sr. Presidente, tenho só uma pergunta que me ocorreu com as respostas que deu o Sr. Engenheiro.

Alguma vez as pessoas com quem tem esses diálogos e entendimentos negociais lhe disseram que precisavam de ocultar a identidade de uma determinada pessoa na aquisição de um bem, ou alguma coisa do género, e que precisavam da sua ajuda com as suas sociedades tão úteis?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Nada! Nunca me pediram nada! Quando me procuram, perguntam se tenho uma sociedade, mas não sei os negócios que eles vão fazer. Aliás, sobre a minha relação com esse advogado da firma, não é que me encontrasse ou que fosse alguma vez almoçar com ele ou estar nalgum sítio fora do escritório, é uma relação apenas profissional em que ele me telefona.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Engenheiro António Barão, isto não correu bem. Foi pouco esclarecedor, suscitou ainda mais dúvidas do que já que tínhamos.

Há uma frase sua que considero reveladora, pois, não tendo ninguém perguntado, o Sr. Engenheiro disse: «Ninguém me mandou fazer nada!»

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Exato.

O Sr. **Presidente**: — Porque é que disse isso, se ninguém lhe perguntou?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Porque estão aqui... Porque, há bocado, perguntaram se alguém me disse para eu fazer, se colaborei com alguém para... Ainda agora me perguntou...

O Sr. **Presidente**: — No sentido de não ter ninguém atrás de si a usá-lo como instrumento para qualquer outra coisa?

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Absolutamente nada, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Não estava à espera que respondesse outra coisa. Nada, portanto!

O Sr. Eng.º **António João Barão**: — Não. Mas isso é absolutamente verdade. Nunca! Nunca tive conhecimento da existência desses fundos que compraram, nem o banco, nem nunca falei com ninguém do Novo Banco, nunca fui contactado.

Apenas tenho uma conta e falo com a gerente.

O Sr. **Presidente**: — Isso já disse.

Sr. Engenheiro, muito obrigado por ter cá vindo.

Srs. Deputados, às 15 horas voltaremos a reunir para mais uma audição.

Está encerrada a reunião.

Eram 11 horas e 53 minutos.

A DIVISÃO DE REDAÇÃO.